



Estratégia
Concursos

Aula 00 (Prof Celso Natale)

*IPEA (Técnico de Planejamento e
Pesquisa - Área de Especialização:
Economia e Relações Internacionais)
Conhecimentos Específicos*

Autor:

**Áulus Dias Warzeé Mattos, Celso
Natale, Equipe Comércio Exterior
e Legislação Aduaneira, Felipe**

Luccas

10 de Agosto de 2023

Índice

1) Teorias do Comércio Exterior	3
2) Breve Histórico	6
3) Modelos de um Fator (Clássicos)	9
4) Teorias Neoclássicas	17
5) Prebisch e Cepal	22
6) Termos de Troca	24
7) Deterioração dos termos de troca	26
8) Termos de troca e elasticidade-renda da demanda	29
9) Teorias Contemporâneas	30
10) Questões	39



TEORIAS DO COMÉRCIO EXTERIOR

Em linhas gerais, o **comércio exterior**, assim como o comércio de forma geral, pode ser caracterizado como **a dinâmica de troca ou circulação de bens, serviços e capitais**, processo no qual se busca, sobretudo, a satisfação das necessidades entre ofertantes e demandantes.

No caso específico do **comércio internacional**, temos essa mesma dinâmica, só que aplicada a países, ou seja, toda a circulação de bens, serviços e capitais entre fronteiras nacionais, independentemente do tipo ou natureza da operação a ser realizada.



"Comércio exterior" e "comércio internacional", no âmbito da Economia Internacional, são praticamente sinônimos, embora o primeiro esteja mais relacionado à visão de um país único em relação às suas transações com outros países, e o segundo é uma visão do comércio entre dois ou mais países. Então, algo como o "comércio exterior do Brasil" faz sentido, e o "Brasil no comércio internacional" também, enquanto o "comércio internacional do Brasil" é um pouco impreciso.

Mas como bancas e a maioria dos autores pouco diferenciam, você também considerar sinônimos.

Os estudos sobre comércio internacional buscam entender como se articulam as trocas internacionais, de modo a conhecer as motivações e os processos que regem as trocas entre diferentes países. A literatura sobre o assunto aponta dois motivos principais, pelos quais os países participem do comércio internacional.

Os motivos são:

- ✓ **diferenças entre os fatores de produção**
- ✓ **existência de economia de escala**



Sobre as diferenças nos fatores de produção, tendo em vista que os países são diferentes uns dos outros, o comércio entre eles tende a fazer com que haja especialização na produção, de forma que um país produza aquilo que faz de melhor.

Por exemplo, um país com terras abundantes como o Brasil, pode se especializar na produção de produtos primários e adquirir outros produtos do exterior.

A diferença nos fatores de produção leva à especialização, permitindo aos países ter acesso a uma variedade de bens muito maior que na ausência do comércio internacional.

Vimos durante nosso curso o que são fatores de produção. Para produzir os bens e serviços de que a sociedade dispõe para o seu consumo, as firmas utilizam vários recursos ou insumos. Elas utilizam matéria-prima, mão-de-obra, máquinas, ferramentas, tecnologia etc.

O conjunto desses recursos que as empresas utilizam na produção é chamado de **fatores de produção**. Dentro do nosso estudo, temos, principalmente, três fatores de produção:

- ▶ **CAPITAL**
- ▶ **MÃO-DE-OBRA (TRABALHO)**
- ▶ **TECNOLOGIA**

Desta forma, a distribuição heterogênea dos recursos favorece e até mesmo multiplica as possibilidades de negociação, na medida em que recursos diferentes atendem a processos diferentes. O ponto mais significativo desta diferença verificada nos fatores de produção entre os países é a possibilidade de **especialização da produção**.

Se um determinado país domina um processo específico ou tem predomínio na posse de um determinado recurso, abre-se a possibilidade de especialização, ou seja, permite maior eficiência na produção, naquilo que o país tem de único, exclusivo ou predominante.

Já a **economia de escala**, decorre diretamente da especialização e do aumento de produção, de modo que os países passam a produzir numa escala maior e de maneira mais eficiente do que se produzissem eles mesmos todos os bens de que necessitam.

Assim, os países podem ampliar seus mercados e produzir em quantidades maiores, beneficiando-se de escalas maiores que podem tornar a produção mais eficiente e lucrativa.

Como vimos, temos economias de escala quando ao aumentarmos a produção, os custos totais se elevam em proporção menor que o aumento da produção. O custo médio é reduzido em uma economia de escala ao longo do tempo, levando a uma produção mais eficiente.

Dessa forma, como temos uma relação não proporcional entre custo e volume de produção, em que o custo cresce menos em relação ao aumento do volume produzido, o comércio internacional tende a ser uma oportunidade das firmas se beneficiarem dos ganhos de escala.



MOTIVOS PARA O COMÉRCIO INTERNACIONAL



Diferenças entre fatores de produção

- Capital
- Trabalho
- Tecnologia



Economia de Escala

- Produção com custo médio decrescente
- Maior produção, menor custo médio

ESPECIALIZAÇÃO

Visto por que os países comercializam entre si, cabe questionar se o comércio internacional é sempre benéfico para os participantes ou se, nesse jogo, existem ganhadores e perdedores. Esta é uma questão extremamente complexa e existem inúmeras teorias para embasar qual a melhor maneira de atuação dos países no mercado internacional.

Nesse sentido, um dilema enfrentado pelos governos é se devem **liberalizar** o comércio exterior ou atuar **protegendo** a indústria nacional, pois esta decisão pode influenciar o crescimento e desenvolvimento de um país.

O DEBATE FUNDAMENTAL

LIBERAR ✕ PROTEGER

Assim, os economistas que se debruçam sobre o estudo do comércio internacional buscam entender como se dá a relação entre países e compreender quem ganha e quem perde nesse processo.

Faremos agora um apanhado sobre as principais teorias do comércio internacional.



Breve Histórico do Comércio Internacional

Historicamente, o **comércio internacional** como atividade econômica existe há muito tempo na humanidade, baseado nas trocas entre diferentes nações antigas, ou mesmo entre grupos ou tribos que já aplicavam a especialização como forma de obter recursos, concentrando-se na produção daquilo que tinham de melhor ou mais abundante.

Na atualidade, a globalização favoreceu fortemente a ampliação de mercados e a interdependência entre países e fez com que o fluxo de bens e serviços crescesse intensamente, permitindo que as trocas atingissem volumes bastante significativos.

A gradual abertura dos mercados nacionais a investidores externos, assim como a alteração dos regimes cambiais de diversos países, em um contexto de significativo desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação deu novo dinamismo à interação do mercado global.

A maior integração dos mercados internacionais permitiu que os países escoassem boa parte de sua produção excedente, bem como permitiu acesso do mercado consumidor local a produtos antes não acessíveis localmente.

As movimentações não se limitam a bens e serviços, abrangendo as grandes migrações de capital e investimentos, o que muitas vezes foge ao controle das autoridades monetárias, colocando em risco a estabilidade do sistema financeiro internacional.

Nesse processo globalizante, o fluxo de pessoas nas fronteiras internacionais também se mostra bastante relevante. Vemos atualmente a questão dos imigrantes sendo amplamente discutida na Europa e em outras partes do mundo.

Para efeito de estudo convencionou-se como marco do comércio internacional o século XV, durante o qual aconteceram as grandes navegações numa política de expansionismo marítimo pelos países europeus, na busca por novos mercados e exploração de recursos, essa iniciativa expansionista durou até meados do século XVIII.

Mercantilismo

A doutrina econômica que acompanhou o expansionismo marítimo e comercial desta época foi o **mercantilismo**, o qual tinha como objetivo central a **acumulação de metais preciosos e a obtenção de uma balança comercial superavitária**, com as exportações superando as importações. Esta era a fórmula de desenvolvimento dos países.

MERCANTILISMO

Doutrina econômica que defende balança comercial superavitária e acumulação de metais preciosos (metalismo).



A doutrina do mercantilismo era altamente nacionalista e intervencionista, pois, ao priorizar o bem-estar do próprio país, o governo devia tratar de promover ao máximo suas vendas ao resto do mundo, enquanto impunha barreiras às aquisições de produtos estrangeiros.

O colonialismo fazia parte da base prática do mercantilismo, pois o sistema colonial propiciava a exploração de novos mercados e o incremento do comércio internacional em novas bases, escoando o excedente de produção da metrópole e favorecendo a formação de uma balança comercial superavitária.

As colônias eram também fonte de fornecimento de metais preciosos e estimulavam a acumulação dessas riquezas na metrópole.

A acumulação de metais preciosos, sobretudo ouro e prata, era o indicativo principal de prosperidade e riqueza das nações, sendo obtida ou pela atividade comercial em si ou pela descoberta de novas fontes desses metais (minas).

Como doutrina intervencionista o mercantilismo era também fortemente nacionalista, visando apenas à satisfação de interesses internos, sendo assim, visava aumentar as próprias exportações e dificultar as importações.

Pode-se dizer que se tratava de um “jogo de soma zero”, o qual se caracteriza pelo ganho de um país às custas da perda de outros, é o chamado “perde-ganha”, diferente do momento atual, onde os países, pelo menos na teoria, têm buscado o “ganha-ganha”.

Podemos dizer, então, que as principais características do mercantilismo eram:

- i) **protecionismo** alfandegário (com o objetivo de obter superávits comerciais);
- ii) atuação ativa do Estado (intervencionismo estatal) e;
- iii) busca de **acumulação de ouro e prata** (quanto mais ouro e prata um país possuísse em seu território, mais rico ele seria).

No entanto, essa acumulação de metais sem limites apresenta alguns problemas. Primeiramente, temos um limite físico, pois ouro e prata são recursos finitos.

Além disso, sua simples iniciativa de acumulação acaba por afetar a oferta de moeda internamente lastreada nesses metais, levando ao consequente aumento de preços e salários. Esses aumentos tendem a prejudicar a competitividade das exportações, sabotando os superávits comerciais almejados.

Foi desta forma que, durante a segunda metade do século XVIII, diversos pensadores da economia passaram a questionar esse modelo vigente, como David Hume, Adam Smith e David Ricardo, embora em bases ligeiramente diferentes.

O “jogo de soma zero”, em que para que um dos participantes ganhe o outro precisa necessariamente perder, e a acumulação de metais como o objetivo principal das nações, passam a ser amplamente questionados.



A visão clássica passa a pregar que para que duas economias mantenham espontaneamente vínculos comerciais entre si, é preciso que ambas tenham a ganhar com essas transações. A satisfação das necessidades das nações é o objetivo do comércio internacional e não a acumulação de metais preciosos.

Assim, David Hume contestou a lógica mercantilista. Para ele, os superávits e déficits que um país tivesse em sua Balança Comercial seriam automaticamente corrigidos pelas forças do mercado. Era a Teoria Fluxo-Espécie-Preço.

Se um país acumular grande quantidade de metais preciosos em seu território, seus produtos tornam-se mais caros no mercado internacional.

O aumento de preços reduz a demanda por esses bens, levando a entrar menos metais em seu território e trazendo uma tendência ao **déficit na Balança Comercial** (diminuição das exportações e aumento das importações).

Com a entrada de menos ouro e prata em seu território, os preços dos produtos irão se reduzir e, conseqüentemente, aumentará a demanda por eles no mercado internacional. A consequência serão:

- ▶ superávits na Balança Comercial e
- ▶ aumento do ingresso de ouro e prata.

Perceba que se trata de um mecanismo de ajuste automático da Balança Comercial. Assim, para Hume, não haveria uma acumulação infinita de ouro e prata.

Nesse contexto, surge o **livre cambismo**, que afirmava que os mercados possuem a capacidade de se autorregular e que um comércio internacional livre de barreiras traria desenvolvimento econômico.

Desta forma, o questionamento do sistema mercantilista e suas práticas, trazido, sobretudo por pensadores liberais, dá o escopo para a visão clássica do comércio internacional, a qual considera o ganho mútuo como incentivo para a criação e manutenção de vínculos comerciais, bem como a complementariedade entre exportação e importação e o estabelecimento de outra fonte de riqueza diversa da acumulação de metais preciosos.

Vejamos agora as teorias das vantagens absolutas e vantagens comparativas, de pensamento clássico liberal, surgidas como oposição à doutrina econômica do mercantilismo.



Modelos de um fator (Teoria Clássicas)

O que os modelos chamados “clássico” têm em comum – e também um motivo pelo qual foram criticados – é o fato de levarem em consideração apenas um fator de produção: normalmente, o trabalho.

Sendo assim, esses modelos não levam em consideração a dinâmica resultando da combinação de diferentes fatores na produção. Ainda assim, como modelos, ainda hoje oferecem uma boa noção do comércio internacional e, mais importante, caem na prova.

Vantagens Absolutas

A **Teoria das Vantagens Absolutas** foi criada por Adam Smith no final do século XVIII. No ano de 1776, Adam Smith publica a sua obra-prima “A riqueza das Nações”. As ideias de Smith tinham como fundamento principal o **liberalismo comercial** (livre comércio).

O Estado deveria **abster-se de intervir na economia**, deixando que os mercados se autorregulassem. Smith teorizava sobre a existência da “mão invisível” do mercado, ou seja, o próprio mercado seria o mecanismo mais adequado de regulação da atividade econômica.

Segundo Smith, se todos os agentes econômicos buscassem satisfazer seus próprios interesses de uma maneira egoísta, trariam maiores benefícios para a sociedade como um todo. Nesta lógica, cada indivíduo deveria se especializar em alguma atividade que faz melhor e agir buscando o maior interesse para si.

Nesse raciocínio, se cada um fizer ou produzir aquilo que tem de melhor e buscar o que necessita para suprir os seus próprios interesses, toda a sociedade se beneficiaria, razão pela qual, nesta filosofia, o Estado não deveria ou não necessitaria intervir na economia, à exceção de duas situações: impedir monopólios ou atuar em atividades fundamentais em que não haja interesse privado.

Extrapolando as ideias de Smith para o comércio internacional, para que a sociedade como um todo saísse ganhando, cada país deveria se especializar na produção dos bens em que fosse mais eficiente.

Resumidamente, esta filosofia se baseia na defesa do livre mercado e iniciativa, na mínima intervenção do Estado na economia e no trabalho como fonte de riqueza. Além disso, outro ponto central estabelecido é o da especialização como fonte de vantagem e competitividade.

Nesse contexto, a especialização na produção daquilo em que se tem maior eficiência e, portanto, menor custo de produção, dá condições para a chamada divisão internacional da produção, na qual o excedente de produção passa a ser o objeto das trocas e são estas assimetrias entre os processos produtivos das diferentes nações que estabelecem as bases para o comércio.



Assim, foi desenvolvida a teoria das vantagens absolutas. Se um determinado país A produz um produto X a custo inferior ao mesmo produto no país B, sendo que este produz outro produto Y a custo inferior a este no país A, temos uma situação em que há vantagem para ambos numa negociação comercial.

Assim, o país A deveria produzir o bem X, isto é, especializar-se na produção de X e o país B deveria produzir o bem Y, isto é, especializar-se na produção de Y.

Esse exemplo demonstra em termos simples a teoria das vantagens absolutas, ou seja, aumento de bem-estar mediante diminuição de custo a partir da divisão da produção entre as nações envolvidas em situações de comércio internacional.

Nesse modelo, o custo de produção é dado pelo custo do trabalho gasto na produção do bem, ou seja, menos trabalho equivale a menor custo.

Vamos a um exemplo numérico clássico para clarear um pouco mais as coisas:

Imagine dois países (Brasil e Inglaterra). No Brasil, um trabalhador consegue produzir 2 sapatos/hora e 5 bolsas/hora. Na Inglaterra, um trabalhador consegue produzir 5 sapatos/hora e 2 bolsas/hora. Segundo Adam Smith, o Brasil deveria se especializar na produção de bolsas enquanto a Inglaterra se especializa na produção de sapatos.

Assim, com cada país se especializando na produção de um bem, teríamos ao final de 4 horas de trabalho:

- No Brasil: 5 bolsas/h x 4 h = 20 bolsas
- Na Inglaterra: 5 sapatos/h x 4h = 20 sapatos

Concluimos que: O conjunto de países como um todo produz 20 bolsas e 20 sapatos.

Caso ninguém se especializasse em nada e cada país trabalhasse 2 horas na produção de sapatos e 2 horas na produção de bolsas, teríamos:

- No Brasil: 5 bolsas/h x 2 h = 10 bolsas - 2 sapatos/h x 2 h = 4 sapatos
- Na Inglaterra: 2 bolsas/h x 2 h = 4 bolsas - 5 sapatos/h x 2 h = 10 sapatos

Concluimos que: A sociedade como um todo produz 14 bolsas e 14 sapatos

Comparando as duas situações, perguntamos: é melhor para a sociedade como um todo que cada país se especialize na produção de um bem ou que ambos produzam os dois bens?

É melhor para uma sociedade como um todo que cada país se especialize na produção de um bem, o que referenda a tese de Adam Smith.

Repetindo para que você guarde: **pela Teoria das Vantagens Absolutas, cada país deve se especializar na produção de bens em que seja mais eficiente.**



Vantagens Comparativas (Teoria Ricardiana)

Embora a teoria das vantagens absolutas tenha servido de base ao estudo do comércio internacional e de certa forma explique como se processaria a dinâmica entre países que possuem diferentes vantagens na produção, se um país tem vantagem em tudo o que produz ou se ambos os países envolvidos têm as mesmas vantagens, o comércio entre eles seria inviável.

Esta limitação foi observada por David Ricardo, que elaborou uma teoria que estabelece que, mesmo quando um dos envolvidos possui vantagem em todos os produtos, o comércio pode ser viável e benéfico.

Essa teoria ficou conhecida como **Teoria das Vantagens Comparativas**, também chamada de Teoria dos Custos Comparados.

O modelo ricardiano, assim como o de Smith, supõe um único fator de produção (trabalho), e que a relação entre os preços dos produtos antes do comércio é uma função apenas das quantidades desse fator empregadas na produção de cada item.

Neste modelo, devemos comparar o custo de produção de uma mercadoria em relação ao custo de produção de outras mercadorias de um mesmo país A, com o custo de produção da mesma mercadoria em relação ao custo de produção das outras mercadorias no país B.

No caso em que no país A os custos relativos da produção de Y (isto é, os custos de produzir Y em comparação com os custos de produzir X) forem mais baixos que os custos relativos de produzir Y no país B, então o país A se especializará na produção e na exportação de Y, mesmo que em termos absolutos os custos de produzir X e Y em A sejam mais altos que em B.

Utilizemos um exemplo para ilustrar as ideias de David Ricardo.

Imagine uma eventual negociação entre Portugal e Inglaterra, envolvendo tecidos e vinhos, na qual Portugal, anualmente utilizaria 90 trabalhadores para produzir uma peça de tecido e, para um barril de vinho, no mesmo período, seriam 80 trabalhadores.

Note que trocamos “horas” por “trabalhadores” neste exemplo, para evidenciar que esse “custo de produção” pode ser mensurado de várias formas.

Já para a Inglaterra, no mesmo período de tempo, seriam necessárias 100 pessoas para a peça de tecido e 120 para o barril de vinho.

Concluimos, a partir dos dados isolados que, de forma absoluta, Portugal seria mais produtivo, tendo vantagem absoluta sobre a Inglaterra nos dois produtos. Perceba que, de acordo com a teoria das Vantagens Absolutas de Smith, Portugal seria mais produtivo em ambos os produtos, o que inviabilizaria as transações comerciais entre os países.

	CUSTO DE VINHO	CUSTO DE TECIDO
PORTUGAL	80	90
INGLATERRA	120	100



Com a teoria das Vantagens Comparativas de Ricardo, o comércio deveria acontecer, pois para Portugal a relação entre os custos relativos da produção de vinho e tecido é $80/90 = 0,88$. Para a Inglaterra, essa relação é de $120/100 = 1,2$. Portanto, nesse sentido, é possível estabelecer que havendo a escolha, seria comparativamente mais vantajoso para Portugal especializar-se na produção do vinho.

Em Portugal a relação entre os custos de tecido e vinho é $90/80 = 1,13$. Na Inglaterra essa relação é de $100/120 = 0,83$. Assim, para a Inglaterra seria mais interessante especializar-se nos têxteis.

À primeira vista, o raciocínio pode parecer um tanto quanto confuso, mas basta comparar (dividir) o custo dos dois produtos em um mesmo país. O país deve se especializar no produto que apresentar o menor resultado.

Extrapolando o exemplo para todos os países, seria possível estabelecer que o mercado como um todo poderia ser beneficiado por preços mais atrativos, baseados na especialização entre as nações.

A decisão de se especializar na produção de um determinado produto envolve abrir mão de produzir outros produtos. Sendo assim, estas escolhas envolvem o conceito de custo de oportunidade, ou seja, aquilo que se abre mão priorizando determinada atividade ou produto.

Voltando ao exemplo entre Portugal e Inglaterra, fazendo uma relação entre a produtividade dos países, podemos traçar o custo de oportunidade das escolhas feitas.

PORTUGAL

Tecido / Vinho, temos $90/80 = 1,13$

Vinho / Tecido, temos $80/90 = 0,88$

INGLATERRA

Tecido / Vinho, temos $100:120 = 0,83$

Vinho / Tecido, temos $120:100 = 1,20$

Nesse exemplo, se Portugal resolvesse produzir tecido e abrir mão da produção de vinho, a cada peça de tecido produzida, deixaria de produzir 1,13 unidades de vinho ($90/80 = 1,13$).

Se optasse por produzir vinho e deixasse de produzir tecido, a cada unidade de vinho produzida, deixaria de produzir apenas 0,88 de uma unidade de tecido.

Assim, o custo de oportunidade de Portugal produzir vinho é menor que o de se produzir tecido. Quanto menor o custo de oportunidade, maior a produtividade ou eficiência na produção de um item específico.

Dessa forma, para Portugal, seria mais interessante priorizar a produção de vinho em relação à produção têxtil, pois o custo de oportunidade, ou seja, o benefício ao qual se abre mão, é menor.



Já para a Inglaterra, mais interessante é centrar-se na produção têxtil, sendo desta o menor custo de oportunidade (0,83).

Concluimos então que a especialização leva a uma diminuição do custo de oportunidade para os países.

Segundo Paul Krugman¹, o modelo das vantagens comparativas faz projeções equivocadas em vários aspectos:

- 1) O modelo das vantagens comparativas prevê um grau de especialização muito elevado, que não existe na prática.
- 2) O modelo ricardiano considera que o comércio internacional não produz efeitos indiretos sobre a distribuição de renda no interior dos países. Todavia, os efeitos práticos do comércio internacional sobre a renda são bastante fortes.
- 3) O modelo ricardiano não reconhece que uma das causas do comércio internacional são as diferenças entre as dotações de recursos entre os países. Tal constatação só aparece com o Teorema Hecksher-Ohlin, conforme a seguir.
- 4) O modelo das vantagens comparativas não leva em conta que uma das causas do comércio são as economias de escala.

Ainda que o modelo ricardiano não seja o retrato mais fiel da realidade, seus principais pressupostos têm sido confirmados por meio de evidências empíricas.

Com efeito, o que determina a especialização de um país na produção de um bem são as vantagens comparativas e não as vantagens absolutas.

Salários relativos

Quando o assunto é Comercio Internacional, uma questão polêmica é que alguns países pagam salários tão baixos que é injusto competir com determinados bens importados.

O exemplo mais comum é o produto que vem da China, enquanto nos EUA há constantes reclamações sobre a concorrência com a mão de obra mexicana.

Enquanto em um país A o salário pode ser de \$50/hora, em outro país, B, pode ser \$2/hora. Assim, teríamos um **salário relativo** de 25 entre A e B, e de 0,04 entre B e A. Assim, o país B seria capaz de produzir com custo muito menor e vender para o país A, dando poucas chances para um produtor desse país competir.

¹ 1 KRUGMAN, Paul; OBSTFELD, Maurice. Economia Internacional: teoria e política. 8ª edição, São Paulo: Pearson Prentice Hall. 2010



Nos modelos simples que vimos até agora, não levamos em consideração essa comparação entre salário, ou seja, até aqui ignoramos os salários relativos. Mas vamos resgatar nossos exemplos e enriquecê-los com essa análise.

	CUSTO DE VINHO	CUSTO DE TECIDO
PORTUGAL	80	90
INGLATERRA	120	100

Apenas para relembrar: concluímos que Portugal iria se especializar na produção de vinho, enquanto a Inglaterra iria se especializar em tecidos.

Supondo que leva uma hora para produzir um galão de vinho e 1,3 horas para produzir um quilo de tecido, e que ainda estamos considerando um único fator (o trabalho), podemos concluir que os trabalhadores de Portugal receberão, como salário por hora, o equivalente a um litro de vinho, enquanto os trabalhadores da Inglaterra receberão o valor de 0,75 kg de tecido por hora.

País	Salário por hora
Portugal	Valor de 1 litro de vinho
Inglaterra	Valor de 0,75 quilos de tecido

Para saber quanto isso significa em dinheiro - e usaremos dólares, por conveniência - vamos supor que o preço de um litro de vinho e de um quilo de tecido seja \$20. Assim, teremos:

País	Salário por hora
Portugal	\$20
Inglaterra	\$15

O **salário relativo** de Portugal, portanto, será de 1,3. E ele não muda em nada se o preço do tecido for \$20, \$35 ou \$90, desde que o preço do litro de vinho seja igual ao preço do quilo de tecido, ou seja, que o **preço relativo seja 1**.

Note também que esse salário relativo de 1,3 encontra-se entre a produtividade relativa dos dois países: Portugal é 1,5 vezes mais produtivo em vinho, mas apenas 1,11 vezes mais produtivo em tecido, como você pode ver na tabela a seguir:

	CUSTO DE VINHO	PRODUÇÃO DE VINHO COM 100	CUSTO DE TECIDO	PRODUÇÃO DE TECIDO COM 100
PORTUGAL	80	1,25 (A)	90	1,11 (A)
INGLATERRA	120	0,83 (B)	100	1 (B)
Produtividade relativa	-	1,5 (A/B)		1,11 (A/B)

É exatamente porque o salário relativo (1,3) situa-se entre as produtividades relativas (1,5 e 1,11) que cada um dos países possui vantagem de custo em um bem diferente.



Por causa do salário relativamente mais baixo na Inglaterra, esse país tem vantagem de custo em tecido, ainda que seja menos produtivo nesse produto.

Portugal, por outro lado, tem vantagem de custo em vinho, mesmo com salário mais alto, porque ele é compensado por sua produtividade superior.

Salários relativos e especialização

Para compreender como os salários relativos conduzem à especialização no comércio internacional, vamos levar nosso modelo ao próximo nível: em vez de duas, vamos supor que várias mercadorias são produzidas.

Iremos introduzir o conceito de “horas necessárias para produção”, que indica quantas horas cada país precisa para produzir cada mercadoria:

Observe a tabela a seguir:

Mercadoria	horas necessárias para produção no Brasil	horas necessárias para produção na Argentina
Laranja	1	10
Soja	2	16
Açúcar	4	12
Castanha	5	10
Carne	20	15

Perceba que temos vantagem absoluta em quase tudo, exceto carne. Mas como o que importa é nossa vantagem relativa, vamos acrescentar uma coluna com essa informação:

Mercadoria	horas necessárias para produção no Brasil	horas necessárias para produção na Argentina	Vantagem relativa de produtividade do Brasil
Laranja	1	10	10
Soja	2	16	8
Açúcar	4	12	3
Carne	20	15	0,75

Se os bens serão produzidos no Brasil ou na Argentina, **depende do salário relativo**.

O Brasil terá vantagem de custo para qualquer mercadoria para a qual possua vantagem de produtividade superior ao salário relativo. Se o salário relativo for 5, então o Brasil produzirá laranja e soja, enquanto a Argentina ficará com açúcar e carne. Se o salário relativo for 2, apenas carne será produzida na Argentina.

Assim, **o país se especializa na produção de bens cuja produtividade relativa é superior ao salário relativo**.



Essa especialização é benéfica, como podemos concluir ao analisar o custo para produzir diretamente em um país com o custo de produzir outro bem e importar.

Suponha que o salário relativo no Brasil é de 5, ou seja, o salário no Brasil é cinco vezes que o salário na Argentina. Nesse caso, o Brasil importará açúcar e carne.

Uma unidade de açúcar demanda 12 horas de trabalho na Argentina, enquanto no Brasil custará o equivalente a 2,4 horas de trabalho brasileiro, dado que o salário (e o preço, já que temos apenas um fator) é cinco vezes menor lá ($12/5=2,4$). Isso é menos do que as 4 horas que precisaríamos para produzir o açúcar no Brasil.

No caso da carne, a Argentina tem produtividade e salários mais baixos. Vai custar para o Brasil apenas 3 horas de trabalho para adquirir uma unidade de carne ($15/5=3$), bem menos que as 20 que seriam necessárias para produzir nos pampas gaúchos.

Do ponto de vista da Argentina, também é bom negócio. Para produzir soja, por exemplo, nossos vizinhos precisariam de 16 horas! Mas eles podem importar da gente, mesmo arcando com nosso salário cinco vezes maior, e vai custar apenas 10 horas ($5 \times 2=10$).



Teorias Neoclássicas

Teorema Hecksher-Ohlin (proporção de fatores)

Embora diversas evidências práticas confirmem alguns pressupostos das teorias clássicas, sobretudo em David Ricardo, entre o final do século XIX e início do XX, alguns economistas passaram a considerar que se deveria observar **outros fatores de produção** além do trabalho, visto que vários outros fatores de produção influenciam nas trocas internacionais.

Dessa forma, verificou-se uma necessidade de incluir outros fatores de produção (capital, terra, recursos naturais), para tornar a abordagem do comércio internacional mais completa.

Nesse contexto, segue-se uma série de modelos propostos para explicar ou demonstrar o fluxo de comércio internacional e seus efeitos relativamente ao mercado de fatores de produção.

Entre os modelos que buscavam explicar de maneira mais realista o funcionamento do comércio internacional, é possível colocar como pioneiro o **Teorema Hecksher-Ohlin¹**, tendo atuado na tentativa de explicar o comércio internacional, observando outros fatores de produção.

Suscintamente, o teorema de Hecksher-Ohlin estabelece um complemento à teoria das vantagens comparativas, porque trata das razões da existência de vantagens em especializar-se em determinado produto, além de pensar a influência de diversos fatores de produção além do trabalho. Ou seja, esta teoria não é contrária à teoria das vantagens comparativas, ela complementa a teoria de David Ricardo.

Um pressuposto básico do teorema de Hecksher-Ohlin é que a tecnologia é tida como fator constante. Outra condição básica desta teoria é de que ela não considera que haja a movimentação de fatores de produção, independente de qual seja, entre nações.

Segundo o Teorema de Hecksher-Ohlin, o comércio internacional seria produto das diferenças na distribuição dos fatores de produção entre os diferentes países, que levariam à tendência de especialização conforme o predomínio de um determinado fator de produção. Imagine um comércio entre Brasil e Alemanha. O Brasil se especializaria na produção de alimentos e a Alemanha se especializaria na produção de bens manufaturados².

O Teorema de Hecksher-Ohlin explica que o motivo pelo qual o Brasil vende produtos primários e compra produtos industrializados é a **diferença existente entre a disponibilidade de fatores de produção existente entre Brasil e Alemanha**.

O Brasil possui terras abundantes e, por isso se especializou em **produtos primários**, que são intensivos no fator de produção **terra**. Por sua vez, a Alemanha possui abundância do fator

¹ O nome do Teorema vem do nome dos economistas suecos Eli Hecksher e Bertil Ohlin, que desenvolveram esta teoria.

² Atualmente, utiliza-se o termo "manufaturados" como sinônimo de "industrializados", embora seja uma herança dos tempos em que as manufaturas, fábricas intensivas em processos de trabalho manuais, organizados em linhas de produção com etapas especializadas, eram o padrão de indústria.



capital, por isso se especializou em **produtos industrializados**, que são intensivos no fator capital.

DOENÇA HOLANDESA

A **doença holandesa** (dutch disease) refere-se à relação entre a exportação de recursos naturais e o declínio do setor de manufaturados ou industrializados.

A abundância de recursos naturais gera vantagens comparativas para o país que os possui, levando-o a se especializar na produção desses bens.

A industrialização, por outro lado, não ocorre. Ou ainda pior: o país pode vir a desindustrializar-se - o que, a longo prazo, inibe o processo de desenvolvimento econômico.

Há, ainda, uma causa mais imediata: os expressivos superávits comerciais gerados pela exportação de recursos naturais provocam valorização cambial, com isso, os demais segmentos econômicos perdem competitividade, inclusive o setor industrial.

Dessa forma, o Teorema Hecksher-Ohlin afirma que os países se especializam na produção de bens intensivos no fator de produção abundante em seu território. No caso do Brasil, a especialização é em alimentos, que esses são intensivos no fator terra - e o Brasil possui abundância de terras. Já a Alemanha se especializa em manufaturados, pois esses são intensivos em capital e a Alemanha possui abundância de capitais.

Ainda segundo o teorema, o comércio internacional ocorre devido à diferença de dotações de fatores de produção existente entre os países.

Adendo: Vale comentar que, na década de 1940, um economista chamado Wassily Leontief realizou um dos maiores testes empíricos do modelo de Hecksher-Ohlin. Leontief testou, para os Estados Unidos, uma economia rica em capital, os dados das exportações e importações.

Para surpresa geral, seus resultados indicaram que aquela economia exportava itens intensivos em trabalho e importava produtos intensivos em capital, contrariando todas as expectativas. Esta inesperada situação ficou conhecida como o **Paradoxo de Leontief**.

Teorema Hecksher-Ohlin-Samuelson

A partir do Teorema de Hecksher-Ohlin visto acima, surge um conjunto de outras formulações de tipo neoclássico, todas se baseando na lógica do modelo Hecksher-Ohlin. Uma destas teorias é o Teorema Hecksher-Ohlin-Samuelson, ou Teorema de Equalização de Preços de Fatores.

Com vistas a explicar como acontecem os ajustes de produção, já que não se consideram movimentações de fatores entre países, para que se possam satisfazer as demandas interna e



externa é esperado que houvesse, alternativamente, algum tipo de ajuste interno no chamado mercado de fatores.

Segundo o Teorema Heckscher-Ohlin-Samuelson, em uma relação entre duas nações, as diferenças na distribuição dos fatores de produção entre os diferentes países levariam a tendência de especialização na produção e exportação do produto, que emprega o fator de produção abundante.

Se esse produto será fabricado de modo que o fator abundante no país será empregado de forma intensiva, haverá um aumento na demanda por esse fator, levando a um aumento na remuneração desse fator.

Assim, em um país onde há abundância de mão de obra, o salário tende a ser baixo, pelo simples fato de que existe oferta elevada de trabalhadores. A partir do momento em que passa a existir comércio, como esse país vai produzir itens em cujo processo produtivo demanda-se intensivamente mão de obra, o preço da mão-de-obra se elevará.

Dessa forma, o comércio entre os dois países tende a elevar o preço do fator abundante, trazendo uma convergência entre os custos dos dois fatores nos dois países.

Nesse contexto é que se estabelece o teorema de Heckscher-Ohlin-Samuelson, com a mesma premissa de tecnologia constante do teorema anterior, ele observa que, se um fator abundante em um país leva a especialização em determinado produto, esta especialização leva a um aumento de demanda pelo fator, levando a uma tendência de aumento da remuneração do fator abundante.

Da mesma forma, se o fator abundante for o capital, o país deverá se especializar em atividade que empregue capital. A demanda de capital aumentará e a tendência é que este fator sofra um aumento de sua remuneração, que são os juros.

Uma consequência importante desse raciocínio é que ao mesmo tempo em que o fator abundante tem sua remuneração aumentada pelo aumento de demanda, o fator escasso, pela baixa demanda, tende a ter a sua remuneração reduzida.

Dessa forma, idealizando uma relação entre duas nações, temos que, se em um dos países os salários forem baixos e o custo do capital alto, mediante sua escassez, o livre comércio fará com que os salários aumentem. Da mesma forma, no outro país, o custo do capital sendo mais baixo por sua abundância, tende a tornar-se mais alto.

Fica clara, então, uma tendência não necessariamente de igualdade, mas de uma certa equalização entre os preços dos fatores envolvidos, o que indica a outra denominação do teorema Heckscher-Ohlin-Samuelson como "teorema da equalização dos preços dos fatores", observada a possibilidade de convergirem os custos dos fatores envolvidos nos países envolvidos.



Teorema Stolper-Samuelson

Na linha do **Teorema de Hecksher-Ohlin-Samuelson** e a consequente convergência dos preços de fatores de produção, surge o Teorema de Stolper-Samuelson.

A ideia central é que, tendo em vista que o comércio internacional tende a elevar o custo do fator de produção abundante no país, os países podem impor barreiras às importações aos produtos que concorrem com os produtos nacionais que são intensivos no fator de produção não abundante. Essa barreira às importações tem como objetivo elevar o preço do fator não abundante.

Tomemos um exemplo. Imaginando que o Brasil é abundante em mão-de-obra e não abundante em capital, vimos que, segundo o Teorema de Hecksher-Ohlin-Samuelson, o preço do fator abundante (mão-de-obra) tende a se valorizar com o comércio internacional.

Se fosse do interesse do governo brasileiro elevar o valor do fator capital, poderia impor restrições às importações de bens manufaturados, ou seja, bem intensivos em capital. Essa proteção contra a concorrência de produtos importados aumenta a remuneração do fator produtivo empregado de forma intensiva naquele setor protegido, no caso do exemplo o fator capital.

Dessa forma, se o comércio for livre de barreiras, isso beneficiará a remuneração do fator produtivo abundante no país, como visto. Caso se imponham barreiras comerciais isso beneficiará o outro fator de produção. É o que prega o Teorema de Stolper-Samuelson.

Teorema Rybzyński

Da mesma forma, buscando mais "realismo" para a análise do comércio internacional, foi elaborado o teorema de Rybzyński, no qual os sistemas econômicos não são estáticos. Esta formulação supõe que o crescimento das exportações pode ser provocado por progresso técnico (melhora na alocação de fatores) ou por um aumento no estoque de fatores.

Um bom exemplo de aumento de estoques de fatores seria um país que passa por processo de entrada de imigrantes, elevando o estoque do fator mão-de-obra.

Esse aumento da disponibilidade de trabalhadores tenderá a aumentar de maneira mais que proporcional a produção (e exportação) do setor que emprega trabalho de maneira intensiva. Ou seja, o aumento da disponibilidade de um dos fatores aumentará, proporcionalmente, a produção naquele setor que emprega de maneira mais intensiva esse fator. O país tenderá a se tornar exportador líquido dos produtos desse setor.

É importante comentar que os modelos estudados até aqui se encaixam em uma relação entre países distintos e que produzem bens distintos, como no exemplo entre Brasil e Alemanha transacionando produtos primários e manufaturados.



A partir de meados da década de 1950, verifica-se grande incremento do comércio internacional. Este incremento se deu principalmente no aumento das trocas entre países desenvolvidos, que passaram a intercambiar cada vez mais itens manufaturados.

Aqui, percebemos duas violações ao Teorema de Hecksher-Ohlin, pois as trocas efetuadas são principalmente de manufaturados por manufaturados e entre países bastante semelhantes entre si na disponibilização de fatores de produção.

Isso deu origem a uma série de tentativas de explicação para a existência desse tipo de comércio. Uma das vertentes é a formulação apresentada por Posner³, segundo a qual a vantagem dos países no comércio internacional ocorreria devido ao progresso técnico.

Se um país gerasse uma inovação tecnológica e, a partir desta inovação, desenvolvesse produtos novos, o país onde teve lugar aquela invenção seria seu único produtor e exportador, pois nenhum outro país teria condições de produzir aquele produto.

Haverá um hiato de tempo ("hiato tecnológico"), até que outro produtor em outro país também domine essa nova tecnologia e comece a competir. Enquanto isso não acontece, o país inovador inicial é um exportador líquido, e terá vantagem na produção daquele produto.

Podemos citar também a existência de economias de escala como estímulo ao comércio internacional. Por meio da existência de economias de escala, as empresas terão seus custos médios diminuídos, se tornando mais competitivas no mercado internacional.

Assim, um país tende a se tornar um grande exportador no comércio internacional dos produtos, cujas empresas apresentam economias de escala em sua produção. O país, através das economias de escala, passará a produzir a custos menores e apresentará vantagens absolutas (custo menor) naquele produto.

Como vimos, há inúmeras teorias para explicar o complexo comércio internacional. Acredito que para fins de concurso público, as principais teorias foram estudadas. Existem outras teorias menos influentes, que penso que não valem a pena ser vistas, o custo-benefício seria bastante baixo, até porque não existem questões sobre estas teorias.

Vamos ver agora a análise de Prebisch e da Cepal sobre o comércio internacional. Esse tópico sim, bastante exigido em provas.

³ Michael Vivian Posner, economista da universidade de Cambridge



A CRÍTICA DE PREBISCH E DA CEPAL.

Até este ponto, todos os modelos ou teorias propostos, mesmo os neoclássicos, são estáticos, ou seja, fazem comparações sem considerar a dinâmica das relações comerciais e as mudanças de mercado ao longo do tempo ou mesmo os fatores que podem ser seus causadores.

Consideram também a ausência de qualquer tipo de barreira para o livre comércio.

Esses modelos são baseados em estática comparativa e não consideram que, ao longo do tempo, pode haver trajetórias variadas nos preços internacionais, e nem sempre em direção do desejável ou do esperado.

A partir do incremento do comércio de produtos industrializados, começou-se a estudar, comparativamente, a evolução dos preços dos produtos manufaturados, com a evolução dos preços dos produtos primários (que não passam por processos de industrialização).

Esta iniciativa leva a considerações relativas ao crescimento do comércio internacional de manufaturados frente aos produtos primários (commodities), sem transformações, bem como a análise comparativa dos preços de ambos os grupos. Essa análise comparativa entre a evolução dos preços de manufaturados frente aos preços dos bens primários deu origem à teoria da Deterioração dos Termos de Troca.

Estes estudos, sobretudo na América Latina, tiveram como um dos seus maiores expoentes o argentino Raúl Prebisch, que foi um crítico do modelo neoclássico, fundado na ideia de especialização baseada nas vantagens comparativas como forma superior de desenvolvimento econômico.

Embora outros autores também tenham deixado suas contribuições, foi também através das ideias de Prebisch, que se estabeleceu uma perspectiva mais crítica e contextualizada das teorias neoclássicas consagradas, fundadas firmemente no livre comércio e numa teórica da lucratividade mútua entre países desenvolvidos e em desenvolvimento.

A CEPAL, da qual Prebisch foi um dos artífices, foi instituída pela ONU como Comissão Econômica para a América Latina e Caribe, tendo como contribuição central a instituição de um modelo de análise, chamado de estruturalismo, que se baseia, sobretudo, em um método histórico-estrutural de pensamento dos problemas econômicos e sociais dos países em desenvolvimento capitalista mais tardio.

Os estudos da CEPAL buscavam alternativas às limitações dos modelos teóricos convencionais, clássicos e neoclássicos, que desconsideravam em suas análises diferenças profundas entre países centrais e periféricos.

Os pensadores da CEPAL defendiam, em lugar da mera importação de teorias de nações desenvolvidas, um esforço de teorização autônomo, considerando características locais. Sobretudo, o pensamento de Prebisch, básico para a CEPAL, nega que os benefícios da divisão



internacional do trabalho, conforme apregoada pelos neoclássicos, possam ser transferidos dos países centrais para os periféricos.

De acordo com Prebisch, a assimetria nos dois grupos de países tem como sintoma mais significativo o fato de que os preços dos produtos industrializados tendem a aumentar mais que o preço dos bens primários, ao longo do tempo.

Dessa forma, países de economias periféricas têm, naturalmente, que exportar mais que os países centrais para que possam obter os mesmos resultados em termos de exportações, é o que se convencionou determinar de "deterioração dos termos de troca", que será visto mais detalhadamente à frente.

Antes de estudarmos a deterioração dos termos de troca, vejamos os conceitos de termos de troca.



Termos de Troca

Termos de troca ou **relações de trocas** são termos do comércio internacional, que representam uma relação existente entre o preço das exportações e o preço das importações de um país, levando em consideração um período em específico.

Esses termos são índices que são usados para que um país possa comparar preços, quantidades e outros dados das exportações com os índices de outros países. Se os bens exportados por um país valerem cada vez mais no mercado internacional frente aos bens importados, isso será positivo para esse país do ponto de vista dos ganhos do comércio.

Por outro lado, se o preço relativo dos bens exportados decair com o passar do tempo, isso será negativo do ponto de vista dos ganhos do comércio.

Ocorre que, como os países não trocam apenas um único bem, mas milhares deles, usamos índices (e não o preço de um bem só). Os índices permitem que se tenha uma visão mais real dos termos de troca, pois refletem os preços exportados/importados como um todo.

Termos Líquidos de troca (Poder de Compra das Exportações)

Os termos líquidos de troca, também chamados de Poder de Compra das Exportações, são dados pelo índice de preços das exportações dividido pelo índice de preços das importações. Assim:

$$\text{TERMO LÍQUIDO} = \frac{\text{Índice de preços das Exportações}}{\text{Índice de preços das Importações}}$$

Se o Termo Líquido de troca for igual a 1, isso significa que o país recebe pelo que exporta o mesmo tanto que paga quando importa. Se o termo líquido é maior que 1, o país recebe mais pelo que exporta do que paga quando importa, o que é excelente para o país.

Diferentemente, se o termo líquido for menor que 1, o país recebe pelas suas exportações menos do que paga pelas importações. Por isso, quanto mais o Termo Líquido (Poder de Compra das Exportações) for alto, melhor será para o país, mas veremos que, se por algum motivo, o termo líquido for baixo, ele não necessariamente tem uma desvantagem completa. Vejamos um exemplo:

Vamos supor que o Brasil exporte soja e importe carros. A soja custa US\$ 50.000 e os carros custam US\$ 100.000. Nesse caso, teremos:

$$\text{TERMO LÍQUIDO} = \frac{50.000}{100.000} = 0,5$$

Ou seja, o termo líquido de troca do Brasil, nesse exemplo, é 0,5. E como o termo líquido é



menor que 1, ele indica que o Brasil recebe menos pelas suas exportações do que paga pelas importações, ou seja, o Brasil exporta coisas que custam menos e importa coisas que custam mais.

Esse termo líquido de 0,5 não indica necessariamente que o Brasil está perdendo dinheiro ou que tem uma desvantagem no comércio. Ele é usado para compararmos ao longo do tempo se o valor das exportações de um país está crescendo ou diminuindo.

Se, por exemplo, no ano passado o Termo Líquido foi 0,3 e agora está em 0,5, isso demonstra que o país está numa situação boa, pois seu termo líquido cresceu. E se o termo líquido estiver crescendo é sinal de que o Brasil está recebendo cada vez mais pelos produtos que vende a outros países (exportações) em comparação com o que paga pelos produtos que compra (importações).

Melhoras nas relações de troca significam ganho em termos de bem-estar social, dado que uma unidade de produto exportado pode ser trocada por uma quantidade maior do que antes de produtos de importação.

Termos Brutos de troca

O termo bruto de troca é parecido com o termo líquido, mas no termo líquido nós usamos o preço como referência. No termo bruto, usamos as quantidades exportadas/importadas, ou, como alguns autores preferem, o volume de Importações/Exportações. Além de usarmos o volume de importações/exportações, existe uma outra diferença.

Enquanto o termo líquido de troca apresenta as exportações no NUMERADOR da equação, o termo bruto de troca apresenta as exportações no DENOMINADOR da equação (cuidado para não confundir, hein?). Assim:

$$\text{TERMO BRUTO} = \frac{\text{Volume de Importações}}{\text{Volume de Exportações}}$$

Repare que temos as exportações na posição de BAIXO da equação.

Supondo que em 2016 o Brasil exportasse 5.000 litros de suco de laranja e que importasse

1.000 computadores, o termo bruto de troca seria 0,2 (1.000 dividido por 5.000). Se, no ano de 2017, o Brasil exportasse 7.000 litros de suco de laranja e importasse 2.000 computadores, o termo bruto de troca seria 0,29, ou seja, um aumento de 0,09 em um ano.

Esse aumento de 0,2 para 0,29 reflete uma melhora na situação do país, pois pudemos dobrar as importações de computadores sem precisar dobrar também a exportação de suco de laranja. Ou seja, a importação dobrou (de 1.000 para 2.000), e, para que isso acontecesse, não precisamos dobrar a produção, bastou aumentá-la em 40% (de 5.000 para 7.000).



Deterioração dos termos de troca.

É possível perceber que, se os valores das exportações ao longo do tempo forem reduzidos em relação aos valores das importações, a tendência é de baixa do termo líquido de troca durante o período considerado.

Essa possibilidade é muito presente na teoria do desenvolvimento econômico, em particular no que se refere à previsão de trajetória provável para os preços de exportação e importação. Através da trajetória dessa relação entre exportações e importações tira-se conclusões do caminho de desenvolvimento de um país.

Foi Raúl Prebisch, juntamente com outros economistas como Celso Furtado, quem abordou essa questão na América Latina, chamando a atenção para o que ele chamou de "deterioração dos termos de troca", como vimos.

Essa visão era focada em **países periféricos**, posto que até então todos os estudos e teorias estavam baseadas em economias mais desenvolvidas, nas quais a industrialização já era uma realidade estabelecida.

Na CEPAL, agência vinculada a ONU e criada exatamente para entender a dinâmica econômica dos países latino-americanos e promover o desenvolvimento econômico dos países subdesenvolvidos, a teoria do subdesenvolvimento baseada no sistema de trocas pretendeu demonstrar os problemas enfrentados pelos países latinos devido, sobretudo, a sua industrialização tardia.

Parte-se, então, de um conceito básico da teoria do comércio internacional, o de **países pequenos**. Países pequenos economicamente são os que possuem participação limitada no comércio internacional, ou seja, sua capacidade de influenciar preços é praticamente nula. São, sobretudo, tomadores de preços e predominantemente países em desenvolvimento encontram-se nessa categoria.

Esses países caracterizam-se, principalmente, por possuírem uma limitada pauta exportadora, com poucos produtos, que apresentam baixo índice de industrialização. Desta forma, estes países têm seus ciclos econômicos fortemente vinculados às condições do mercado internacional, de modo que variações na trajetória dos preços entre importações e exportações são determinantes para seu ciclo de desenvolvimento econômico.

A partir destas observações, foi formulada a teoria conhecida como **Singer-Prebisch**. Esta teoria traz duas importantes conclusões.

A primeira é que há tendências claras de que os preços dos produtos primários - exportados por países em desenvolvimento ou subdesenvolvidos, com baixa ou tardia industrialização - oscilem muito, sendo sensíveis a quaisquer variações de mercado, diferentemente do que ocorre com os preços dos produtos industrializados, que tendem a ser mais estáveis.

A segunda conclusão é que os preços dos produtos industrializados tendem a aumentar mais que o preço dos bens primários, ao longo do tempo. Assim, de acordo com as formulações da



teoria Singer-Prebisch, o comércio internacional entre países centrais e periféricos apresenta as seguintes características:

- Grandes oscilações de preços dos produtos primários;
- Tendência de baixa dos preços dos produtos primários e de alta dos industrializados.

A primeira conclusão apontada leva os países subdesenvolvidos a estarem sempre sujeitos às turbulências no mercado internacional, essas economias possuem seu vetor de desenvolvimento atrelado às exportações de poucos itens primários.

Como esses itens apresentam tendência a forte oscilação junto ao comércio internacional, o desenvolvimento desses países fica refém do humor do mercado externo.

A segunda conclusão leva os bens primários a valerem cada vez menos no mercado internacional se comparados aos bens industrializados. Esta tendência faz com que haja uma deterioração dos termos de troca dos países subdesenvolvidos em relação aos desenvolvidos.

Como exemplo, podemos imaginar que hoje eu consiga comprar 10 computadores (bem industrializado) vendendo 1000 kg de soja (bem primário). Passados alguns anos, para que eu possa comprar os mesmos 10 computadores, será necessário vender 1500 kg de soja. Percebemos, então, uma **deterioração nos termos de troca**, que significa **perda em termos de bem-estar social**, dado que uma unidade de produto exportado pode ser trocada por uma quantidade cada vez menor do que antes de produtos de importação.

Exceção feita ao petróleo como commodity na década de 1970, o qual, por força da atuação de cartéis, forçou a valorização e, portanto, o aumento significativo de preços, esta é a tendência verificada para os preços dos produtos primários no mercado internacional.

Já os produtos industrializados, foco dos países desenvolvidos, tendem a oscilar muito menos e apresentam um perceptível caminho de elevação de preços no longo prazo.

Tendo sido muito bem aceita pelos países subdesenvolvidos da América Latina, esta teoria estabeleceu as bases da explicação da dependência econômica vinculada à desvalorização progressiva dos seus termos de troca, tornando-se base para uma série de decisões econômicas, principalmente das décadas de 1950 e 1960, mas ainda é possível perceber sua influência atualmente.

Neste cenário, o diagnóstico da CEPAL era de que os países em desenvolvimento necessitavam desenvolver seu setor industrial a qualquer custo, substituindo as importações de bens manufaturados e de maior valor agregado pela produção doméstica. Essa é a ideia que fundamenta a teoria da substituição de importações, no qual a produção seria voltada para aqueles produtos que eram importados àquela época.

A teoria da substituição de importações foi o modelo seguido pelos países da América Latina para promover sua industrialização, conforme vemos com mais detalhes em aulas de Economia Brasileira.



Cabe observar, no entanto, o recente fenômeno capitaneado pela China e outros países asiáticos, que, importando massivas quantidades de produtos primários, acabaram por reverter, ainda que momentaneamente, a tendência de queda de preços de commodities e, por outro lado, oferecendo produtos industrializados relativamente “baratos” ou a preços abaixo dos praticados habitualmente no mercado.



Termos de troca e a elasticidade renda da demanda

Para explicar a deterioração dos termos de troca, devemos recorrer a um conceito microeconômico: **elasticidade-renda da demanda**.

Farei uma breve e simples explicação.

Em “economês”, **elasticidade significa sensibilidade**. A elasticidade mede o quanto uma variável pode ser afetada por outra.

Há muitos tipos de elasticidades e todas envolvem basicamente o mesmo raciocínio. A elasticidade-renda da demanda mede o quanto varia a demanda de um produto, dada a variação na renda. Se uma dada variação da renda causou uma grande variação na demanda pelo produto, dizemos que este produto possui alta elasticidade-renda.

Quando, por outro lado, a variação da renda causa um pequeno impacto sobre a demanda do produto, dizemos que este produto possui baixa elasticidade-renda. Digamos que a renda de um consumidor seja de R\$ 1.000,00 e ela tem um aumento de 10%, passando a R\$ 1.100,00.

Se a demanda por um determinado bem, digamos, cerveja aumentar em 20%, a elasticidade-renda será elevada, pois um aumento de 10% na renda causou um aumento mais que proporcional na demanda (20%).

Após esta breve colocação, voltemos ao comércio internacional. Costuma-se creditar à elasticidade renda da demanda a deterioração dos termos de troca dos países subdesenvolvidos. Explico: os países subdesenvolvidos tendem a exportar bens primários e países desenvolvidos tendem a exportar produtos industrializados.

Os bens primários, geralmente, possuem menor elasticidade-renda da demanda, ou seja, variações na renda tendem a causar pequenas variações na demanda por estes bens. Se observarmos o comportamento de longo prazo da economia internacional, perceberemos que a renda mundial cresce ao longo dos anos (obviamente há períodos de queda devido às recessões, mas a tendência em um período longo é de crescimento do PIB mundial).

Como a elasticidade-renda dos produtos primários é baixa, a subida da renda mundial causa pouco efeito na demanda por bens primários, fazendo com que o preço dos bens primários se mantenha mais ou menos constante, enquanto o preço dos bens industrializados cresce progressivamente.

Essa diferença da elasticidade-renda da demanda entre bens primários e bens industrializados é utilizada para explicar a deterioração dos termos de troca na relação entre países subdesenvolvidos e desenvolvidos e está no centro da argumentação de Prebisch e da CEPAL vistas no nosso curso.



TEORIAS CONTEMPORÂNEAS

O papel das economias de escala e da concorrência imperfeita

As teorias clássicas e neoclássicas que estudamos anteriormente entendem que os mercados operam em condições de concorrência perfeita¹. Neste tipo de mercado temos retornos constantes de escala.

Em termos simples, temos rendimentos constantes de escala, quando aumentos nos insumos de produção de uma firma levam a aumentos na mesma proporção na produção. Se duplicarmos os insumos de produção, a produção também será duplicada.

Em Economia, os mercados organizados sob a forma de **concorrência perfeita** são ditos **eficientes**. Um mercado competitivo (concorrência perfeita) possui infinitos compradores, infinitos vendedores, perfeita difusão do conhecimento e ausência de barreiras à entrada de produtores no mercado.

Não nos interessa discutir em detalhes este conceito. O que você deve guardar é que:

- Os mercados competitivos são eficientes economicamente;
- Mercados que não são competitivos não são eficientes economicamente;

Na prática os mercados de concorrência perfeita são muito raros e as novas teorias do comércio internacional trabalham com mercados de **concorrência imperfeita**.

Existem diversos modelos de estruturas de mercado em concorrência imperfeita, entre eles oligopólios, monopólios, concorrência monopolística. Trataremos do último modelo que é o exigido no edital.

Antes de entrarmos no modelo de concorrência monopolística, devemos ver que os mercados imperfeitos não operam com economias constantes de escala. Nestes mercados existem ganhos de escala, ou rendimentos crescentes de escala.

Temos rendimentos crescentes de escala (ou economias de escala), quando aumentos dos insumos de produção provocam aumentos numa proporção maior da produção. Se, por exemplo, dobramos a quantidade de máquinas e trabalhadores em um determinado processo produtivo, a produção gerada é mais do que o dobro.

Em mercados com economia de escala, os custos marginais de produção são decrescentes. O **custo marginal é o aumento de custo (total) provocado pela produção de uma unidade adicional de produto**. Ele nos informa quanto custará aumentar a produção em uma unidade.

¹ Veremos as características do mercado de concorrência perfeita mais a frente nesta aula, quando estudarmos as estruturas de mercado.



Por exemplo, suponha que uma determinada empresa tenha produção de 200 e, para aumentá-la em 01 unidade (passar para produção=201), seja necessário aumentar o custo total de 150 para 175. Neste caso, o custo marginal será 25 (acréscimo de custo). Se essa empresa operasse com economias de escala, ao produzir a unidade 202, o custo total aumentaria para 199, por exemplo.

Nesse caso o custo marginal será de 24. Perceba que os aumentos de produção geraram aumentos de custos decrescentes (25,24...). São os custos marginais decrescentes em mercados que trabalham com economias de escala.

Com o comércio internacional, os países se especializam na produção de alguns bens. A especialização na produção é a fonte das economias de escala, uma vez que surgem na busca por eficiência dos países na produção de seus produtos. Produzindo apenas uma determinada quantidade de bens, os países o farão de maneira bem mais eficiente do que se tentasse produzir tudo.

A teoria das economias de escala contesta o Teorema de Hecksher-Ohlin, visto nesta aula. Segundo o Teorema, as diferenças nas dotações dos fatores de produção permitem que o comércio entre os países ocorra e, se não houvesse diferença nas dotações dos fatores, não haveria comércio entre eles. Por outro lado, as economias de escala permitem que exista comércio entre dois países, mesmo se não houver diferença na dotação dos fatores de produção.

Antes de estudarmos como as economias de escala permitem o comércio entre países com dotações de fatores de produção semelhantes, devemos ver uma divisão das economias de escala: economias de escalas externas e internas.

Economias de escala externas/internas

Economias internas de escala referem-se ao tamanho de uma única empresa, ou seja, quanto maior a empresa, maiores os ganhos de escala. Já as economias externas de escala não se referem a uma empresa específica, mas a um setor. Os ganhos de escala advêm do aumento do setor (conjunto de empresas).

As economias externas de escala, basicamente, possuem três origens principais:

- **Fornecimento especializado:** uma determinada região que possua um conglomerado de empresas do mesmo setor atrairá uma rede de fornecedores a estas empresas, trazendo vantagens de custo e logística ao setor. É o que ocorre no Vale do Silício, Califórnia, onde há a concentração de inúmeras empresas de tecnologia. Essa concentração atraiu uma grande diversidade de fornecedores, gerando benefícios às empresas ali instaladas.
- **Mercado comum de trabalho:** a concentração de diversas indústrias de um setor atrai profissionais especializados neste ramo, tornando a região rica em mão-de-obra especializada. As empresas se beneficiam desta condição, na medida em que possuem muitas opções de profissionais qualificados. Tomando o exemplo do Vale do Silício,



profissionais do mundo todo se dirigem à região, buscando oportunidades em empresas de ponta.

- **Transbordamento de conhecimento:** A concentração de empresas do mesmo ramo e de trabalhadores especializados tende a fazer com que o conhecimento flua de maneira dinâmica. Seja de maneira informal, pelo convívio social, seja de maneira formal pelo fluxo de profissionais que mudam de emprego.

Dessa forma, regiões que apresentam concentrações de empresas com as características acima tendem a operar com economias de escala em sua produção.

Se um país apresentar economias de escala na produção de um bem, produzirá com custos menores que outros países. Esta condição propiciará ao país vantagens no comércio internacional.

O surgimento de economias de escala externas em um setor de determinado país dificultará a entrada de outros países no comércio desse setor. Mesmo que outros países apresentem potencial à produção naquele setor, possuindo vantagens comparativas, as economias de escala e os baixos custos dificultam a entrada desses países no comércio.

Dessa forma, o país que desenvolveu a economia de escala, mesmo não apresentando potencial àquela produção, pode vir a dominar o mercado, em função de ter iniciado a produção naquele setor antes dos demais. Percebam que o pioneirismo, ou seja, o fato de o país ter iniciado a produção naquele setor, possibilitou o desenvolvimento de economias externas de escala e a especialização do país na produção de bens daquele setor.

Estruturas de mercado

Nesta parte da aula, voltaremos a alguns conceitos vistos sobre Estruturas de Mercado.

Para estudar o modelo de concorrência monopolística, vamos fazer uma breve diferenciação entre as principais estruturas de mercado, enfatizando suas características e especificidades.

Basicamente, são três as variáveis que diferenciam as estruturas de mercado:

- Número de firmas produtoras no mercado;
- Diferenciação do produto;
- Existência ou não de barreiras à entrada de novas empresas.

Alguns autores ainda colocam outras variáveis², mas, para fins de concursos, estas três são suficientes. Podemos classificar os mercados em: concorrência perfeita, monopólio,

² Mobilidade dos fatores de produção e conhecimento de tecnologia.



concorrência monopolística, oligopólio, oligopsônio e monopsônio. Vejamos, sucintamente, as características principais de cada um deles:

- i. **Concorrência perfeita:** número infinito de produtores e consumidores, produto transacionado é homogêneo, não há barreiras à entrada de firmas e consumidores, perfeita transparência de informações entre consumidores e vendedores, perfeita mobilidade de fatores de produção. Exemplo mais próximo: mercado agrícola.
- ii. **Monopólio:** é o oposto da concorrência perfeita. Há apenas uma empresa para inúmeros consumidores. O produto não possui substitutos próximos e há barreira à entrada de novas firmas. Exemplo: Companhias de energia elétrica dos municípios ou estados.
- iii. **Oligopólio:** pequeno número de firmas que dominam todo o mercado, os produtos podem ser homogêneos ou diferenciados, com barreiras à entrada de novas empresas.
- iv. **Concorrência monopolística (ou imperfeita):** muito semelhante à concorrência perfeita, com a diferença que o produto transacionado não é homogêneo⁶³. Isto é, cada firma possui o monopólio do seu produto/marca, que é diferenciado dos demais. Exemplo: lojas de roupas (muitas firmas, muitos compradores, porém o produto é diferenciado, cada loja possui o monopólio da sua marca).
- v. **Monopsônio:** é a antítese do monopólio. Neste, há apenas um vendedor, enquanto, no monopsônio, existe apenas um comprador. É o caso, por exemplo, de regiões em que há várias fazendas de gado e apenas um frigorífico. Naturalmente, este frigorífico será o único comprador (monopsonista) da carne das fazendas.
- vi. **Oligopsônio:** de forma inversa ao oligopólio, no oligopsônio, existe um grupo de compradores que dominam o mercado. Temos como exemplo o mercado de peças automotivas em que um pequeno grupo de compradores (Ford, GM, Fiat etc.) adquirem grande parte da produção de peças automotivas.

Não confunda “concorrência monopolística” com “monopólio”. O primeiro é um mercado concorrencial, onde cada produtor detém o monopólio do seu produto/marca. Veja que, apesar de a firma inserida em uma concorrência monopolística deter o monopólio de seu produto, ela está inserida dentro de uma concorrência. Ou seja, ela não é a única produtora no mercado (não é monopolista).

Através de estudos empíricos recentes, chegou-se à conclusão de que o oligopólio é a estrutura predominante nos países capitalistas. Podemos atribuir isto ao fato de que as empresas multinacionais e transnacionais tornaram protagonistas no mercado mundial recentemente.

Falemos agora da concorrência monopolística, que é a estrutura de mercado que nos importa.

³ Apesar de não serem homogêneos, os produtos transacionados são semelhantes e facilmente substituíveis entre si.



Concorrência Monopolística

Um mercado monopolisticamente competitivo é semelhante ao perfeitamente competitivo em dois aspectos-chave: há muitas firmas produtoras, e não há barreiras à entrada de novas firmas. Entretanto, ele difere da concorrência perfeita pelo fato de os produtos serem heterogêneos ou diferenciados: cada firma vende o seu produto, que difere em termos de qualidade, aparência ou reputação.

Veja, então, que **a concorrência monopolística é um meio termo entre a concorrência perfeita e o monopólio**. Ela se aproxima da concorrência perfeita na medida em que há competição entre as empresas e nenhuma delas detém alto poder relativo sobre o mercado como um todo. E se aproxima do monopólio na medida em que cada firma, ao deter a exclusividade sobre o seu produto ou marca, possui poder de monopólio.

Por isso, é um modelo de **concorrência imperfeita**: não há homogeneidade dos produtos.

Obviamente, a quantidade de poder de monopólio que a firma exerce depende de seu sucesso na diferenciação do seu produto em relação aos das demais empresas. Essa mistura de características da concorrência perfeita e do monopólio dá origem ao termo "concorrência monopolística".

A maioria das estruturas de mercado que vemos ocorrer na prática, na "vida real", encaixa-se perfeitamente no conceito de concorrência monopolística. Em quase todos os setores econômicos (roupas, calçados, alimentos etc.), temos muitas firmas, sem barreiras à entrada de novas, e os produtos são diferenciados entre si. Essa diferenciação decorre do fato de os consumidores enxergarem a marca de cada empresa com algo diferente, distinguindo-as das outras marcas.

Por exemplo, a cerveja Bohemia é diferente da cerveja Kaiser, e tal diferença está parcialmente no gosto, consistência, aroma, grau de dor de cabeça com que se fica no dia seguinte a um porre etc. Em razão disso, alguns consumidores (apenas alguns!) estão dispostos a pagar alguns centavos a mais pela latinha de Bohemia.

Mas veja que o poder de monopólio da cervejaria Bohemia sobre o mercado é bastante limitado, pois os consumidores podem substituir facilmente o seu produto por outras marcas (Antártica, Brahma), caso o preço da Bohemia aumente.

Embora os consumidores de Bohemia estejam dispostos a pagar mais por ela, a grande maioria não pagará um valor que seja muito maior. O típico consumidor desse produto paga até R\$ 0,25 a mais por latinha, mas provavelmente não pagaria R\$ 1,00 a mais. Para grande parte desses consumidores, cerveja é cerveja, de tal maneira que as diferenças, apesar de existentes, ainda são pequenas (ainda mais depois de vários copos tomados!).

Para explicar como funciona um modelo de concorrência monopolística aplicado ao comércio internacional, vamos recorrer a um exemplo.



Imagine que a França possui várias fábricas de automóveis e a Alemanha também. A Mitsubishi produz os modelos ASX e Pajero tanto na França como na Alemanha, assim como a Hyundai produz o IX35 e o Santa Fé nos dois países.

As empresas neste caso estão perdendo economias de escala. A melhor situação seria que a Mitsubishi produzisse o ASX apenas na Alemanha e o Pajero apenas na França e a Hyundai produzisse o IX35 apenas na Alemanha e o Santa Fé apenas na França.

Nessa situação, as empresas passariam a se beneficiar de economias de escala, aumentando sua produção e reduzindo seus custos, através da eficiência na produção. Assim, cada país se especializaria na produção de um veículo de cada empresa, o que possibilitaria o comércio internacional. Se a Alemanha quisesse comprar Pajero, teria que importá-los. Se a França quisesse comprar ASX teria que importá-los.

Com os mercados integrados, ambos os países possuiriam uma grande variedade de bens e os preços seriam mais baixos. Esta comercialização dentro de um mesmo setor industrial, viabilizada pelas economias de escala, é chamada de comércio intraindústria.

Vamos recorrer a outro exemplo para mostrar a dinâmica do comércio internacional e como se dá a interação das economias de escala e as vantagens comparativas.

Imaginemos que a economia mundial é dividida entre dois países, A e B. Cada um desses países possui dois fatores de produção - capital e trabalho - sendo o país A abundante em capital e o país B abundante em mão-de-obra. Imaginemos também que existem somente duas indústrias, uma produzindo calçados e outra, alimentos, sendo a indústria de calçados intensiva em capital e a de alimentos intensiva em mão-de-obra.

Vamos supor também que a indústria de calçados opere em condições de concorrência monopolística, em que diversas firmas produzem produtos diferenciados. Dessa forma, como no exemplo dos carros acima, devido às economias de escala, cada país produz alguns modelos dos calçados diferentes.

Se o setor de calçados não estivesse em condições de concorrência monopolística e seus produtos não fossem diferenciados, o comércio entre o país A e B seguiria o padrão de comércio das vantagens comparativas, sendo que o país A se especializaria na produção de calçados (intensivo em capital) e o país B se especializaria na produção de alimentos (intensivo em mão-de-obra).

Se o setor de calçados for um setor em concorrência monopolística, tanto o país A, como o país B produzirão calçados. O país A, mesmo sendo intensivo em capital, importará calçados. Isso ocorre devido à diferenciação dos produtos, de forma que o país A exportará calçados e também importará. Este comércio nos dois sentidos no setor de calçados (os dois países importam e exportam), baseado no modelo de concorrência monopolística, é chamado de comércio intraindústria.

Já o setor de alimentos, não apresenta economias de escala, portanto, apenas o país B venderá ao país A, pois B é abundante em mão-de-obra e a produção de alimentos é intensiva em mão-



de-obra. Este comércio em que o país A importa alimentos (intensivo em mão-de-obra) é chamado de comércio interindústria.

O comércio interindústria reflete as vantagens comparativas, no qual o país A se especializará em calçados e o país B em alimentos, como aprendemos anteriormente nesta aula. O comércio intraindústria não reflete as vantagens comparativas. As economias de escala fazem com que o país A produza alguns modelos de calçados e o país B outros tipos.

O comércio intraindústria assume um papel de importância dependendo da semelhança entre os países. Se a relação capital/trabalho for muito próxima entre os países A e B, haverá pouco comércio interindústria e muito comércio intraindústria. Isto ocorre entre os países industrializados, que possuem condições similares de tecnologia e capital, levando a predominância do comércio de troca em duas vias (intraindústria).

Segundo Paul Krugman⁴, os efeitos do comércio intraindústria sobre a distribuição de rendas são pequenos, diferentemente do que ocorre no comércio interindustrial, baseado nas vantagens comparativas.

Modelo de Linder

O modelo desenvolvido por Staffan Linder parte de uma crítica ao modelo de Hecksher-Ohlin. Conforme sabemos, o comércio internacional seria produto das diferenças na distribuição dos fatores de produção entre os diferentes países, que levariam à tendência de especialização conforme o predomínio de um determinado fator de produção.

No caso dos países com dotações semelhantes, não haveria comércio internacional entre eles.

Essa teoria focava nos fatores de produção, sendo que as vantagens comparativas seriam determinantes pelo lado da oferta. Para Linder, as vantagens comparativas são determinadas pela demanda, e não pela oferta, conforme o teorema de Hecksher- Ohlin. Suas observações basearam-se no fato de que grande parte do comércio internacional ocorria entre países com o mesmo nível de desenvolvimento, portanto, com uma estrutura de fatores de produção semelhante, contrariando a teoria de Hecksher-Ohlin.

Seguindo sua análise, Linder conclui que o comércio internacional é determinado pelo gosto dos consumidores e o gosto está relacionado com o nível de desenvolvimento e renda dos países. Países com alta renda teriam padrões de consumo mais sofisticados e países com renda menor teriam padrões de consumo voltados para bens mais simples.

Esta teoria é chamada de Teoria dos Gostos dos Consumidores. Segundo Linder, as decisões de produção pelas empresas são pautadas nos gostos dos consumidores (demanda), assim, os

⁴ Economia Internacional: teoria e política. 5ª edição.



produtos são colocados no mercado de acordo com o gosto e preferência dos consumidores. Estes gostos são determinados pelo nível de renda.

Dessa forma, a estrutura produtiva do país é condicionada pelo nível de renda. Assim, países com demandas semelhantes e, portanto, níveis de renda semelhantes, tendem a apresentar estruturas produtivas semelhantes. Nestes termos, o modelo de Linder conclui que países com demanda semelhante, níveis de renda semelhante e estrutura produtiva semelhante apresentarão grande volume de trocas comerciais.

Esta conclusão explica o grande fluxo comercial entre países desenvolvidos. O comércio intraindústria, visto no tópico anterior, também é explicado pelo modelo de Linder, dada a importância que este comércio assume entre países com elevado grau de semelhança.

Raymond Vernon criou seu modelo, quando estudava o padrão de comércio e investimentos produtivos dos EUA ao final da Segunda Guerra Mundial. A teoria elaborada ficou conhecida como "Teoria do Ciclo Produtivo", que acabou tornando-se referência na análise da relação entre comércio internacional e progresso tecnológico.

Raymond desenvolveu seu estudo sobre os produtos com elevado grau de sofisticação tecnológica. Conforme observou, estes produtos são desenvolvidos nos países desenvolvidos. Seguindo sua análise, Raymond dividiu o ciclo de um produto, com alto grau de sofisticação, em duas fases: o início do ciclo de vida e a fase de maturidade.

No início do ciclo de vida, os produtos surgem e desenvolvem-se nos países desenvolvidos, pois, nesta fase, o conhecimento, a pesquisa e desenvolvimento e a inovação são de fundamental importância, sendo os países desenvolvidos abundantes nestes recursos. Nessa fase, os produtos sofisticados tecnologicamente são intensivos em capital.

No início do ciclo de vida, os produtos apresentam as seguintes características:

- número reduzido de produtores;
- alto grau de diferenciação do produto;
- destinação dos produtos a mercados consumidores de renda elevada;
- possibilidade de existência de monopólio, com baixos índices de elasticidade-preço da demanda⁵;
- altos índices de elasticidade-renda da demanda⁶.

Já na fase de maturidade, a inovação e a pesquisa e desenvolvimento não são tão importantes e o desenvolvimento do produto passa a uma etapa mais padronizada.

⁵ Uma baixa elasticidade-preço da demanda significa que uma alteração no preço causa um pequeno efeito sobre a quantidade demandada.

⁶ Uma alta elasticidade-renda da demanda significa que uma pequena variação na renda leva a uma grande variação na demanda pelo produto.



Dessa forma, nesta fase, o produto deixa de ser intensivo em capital e passa a ser intensivo em trabalho. Isto permite a internacionalização da produção, com a produção deslocando-se para os países em desenvolvimento, onde a mão-de-obra é mais barata.

Assim, os produtos sofisticados surgem inicialmente nos países desenvolvidos e são intensivos em capital e, depois, sua produção pode migrar aos países em desenvolvimento e passam a ser intensivos em trabalho. Dessa forma, a teoria de Vernon trouxe grandes contribuições para explicar a dinâmica do comércio internacional, no qual as multinacionais instalam-se em países em desenvolvimento.

Apesar das contribuições da Teoria dos Ciclos do Produto de Raymond, ela não se aplica aos mercados atuais, em que os produtos já são internacionalizados desde sua etapa inicial, sem que seu desenvolvimento aconteça nos países desenvolvidos



QUESTÕES COMENTADAS

1. (2018/CEBRASPE-CESPE/ABIN/Oficial de Inteligência)

Um ano depois de prometer a volta do crescimento da indústria automotiva americana, o presidente norte-americano Donald Trump encontra dificuldades em salvar empregos em seu território. Enquanto as principais montadoras do país reduzem seus quadros nos Estados Unidos da América (EUA), as importações de veículos produzidos na China, no México e na Índia aumentam. As exportações do México, com baixo custo de mão de obra, tiveram, para os EUA, alta de 9,4% em 2017, segundo dados oficiais.

AFP, 15/1/2018 (com adaptações).

Com referência ao texto apresentado, julgue o seguinte item com base nas teorias de comércio internacional.

De acordo com a teoria ricardiana das vantagens comparativas, se os EUA são mais produtivos que o México na produção de veículos e softwares, o comércio internacional de automóveis entre os países não será vantajoso para a economia norte-americana, mais produtiva em softwares, caso a vantagem mexicana na produção de veículos decorra dos baixos salários pagos aos seus trabalhadores.

Comentários:

O modelo ricardiano de vantagens comparativas não faz nenhuma concessão a respeito dos motivos que levam o país a ser relativamente mais competitivo, importa apenas que a estrutura de custos de oportunidade entre os bens produzidos.

Gabarito: Errado

2. (2018/CEBRASPE-CESPE/ABIN/Oficial de Inteligência)

Com relação às características do comércio internacional na presença de economias de escala e concorrência monopolista, julgue o item subsequente.

As economias de escala externas podem levar à manutenção de padrões de especialização do comércio internacional inconsistentes com aqueles que seriam derivados das vantagens comparativas, principalmente no caso de países com grandes indústrias já consolidadas.

Comentários:

Isso está correto, e foi uma das críticas de Krugman, segundo o qual **o modelo das vantagens comparativas não leva em conta que uma das causas do comércio são as economias de escala.**

A teoria das economias de escala, por sua vez, contesta o **Teorema de Hecksher-Ohlin**, visto nesta aula. Segundo o Teorema, as diferenças nas dotações dos fatores de produção permitem que o comércio entre os países ocorra e, se não houvesse diferença nas dotações dos fatores,



não haveria comércio entre eles. Por outro lado, as economias de escala permitem que exista comércio entre dois países, mesmo se não houver diferença na dotação dos fatores de produção.

O surgimento de economias de escala externas em um setor de determinado país dificultará a entrada de outros países no comércio desse setor. Mesmo que outros países apresentem potencial à produção naquele setor, possuindo vantagens comparativas, as economias de escala e os baixos custos dificultam a entrada desses países no comércio.

Gabarito: Certo

3. (2016/CEBRASPE-CESPE/DPU/Economista)

Com relação às teorias relacionadas ao desenvolvimento econômico, julgue o próximo item, considerando o papel do governo na economia.

De acordo com a teoria estática da vantagem comparativa, os países deveriam se especializar na produção de bens com menor custo unitário de produção.

Comentários:

De acordo com a teoria das vantagens comparativas, os países se especializarão na produção do bem que for mais eficiente, ou seja, produzirá o bem que possuir o menor custo relativo.

Recorrendo mais uma vez mais ao exemplo dado na aula, Portugal produz vinho e tecido com custos unitários inferiores e a conclusão não é que Portugal deve produzir os dois bens. Vimos que a produção de tecido deve ser executada pela Inglaterra, pois possuirá um menor custo relativo.

Gabarito: Errado

4. (2016/CEBRASPE-CESPE/CACD/Diplomata)

Em seu discurso de posse, o ministro das Relações Exteriores, José Serra, afirmou: “Nas políticas de comércio exterior, o governo terá sempre presente a advertência que vem da boa análise econômica”. À luz dessa afirmação e das teorias de comércio internacional, julgue o item subsequente.

David Ricardo aperfeiçoou as ideias de Adam Smith e desenvolveu a chamada Teoria das Vantagens Comparativas. No livro Sobre os Princípios da Economia Política e da Tributação, Ricardo defende que o comércio internacional é benéfico a todos os países que mantêm vínculos comerciais entre si, pois o importante, segundo ele, são as vantagens comparativas, não as absolutas, de todos os fatores de produção de uma economia.

Comentários:

A assertiva começa bem, discorrendo sobre as teorias de Adam Smith e David Ricardo. No final, afirma que o que importa são as vantagens comparativas de “todos os fatores de produção”.



Primeiramente, um país apresenta vantagem comparativa em um produto e não em um fator de produção.

Outro erro da questão é dizer que o país possui vantagem comparativa em todos os fatores de produção. Vimos que o modelo ricardiano, assim como o de Smith, supõe um único fator de produção (trabalho), e que a relação entre os preços dos produtos antes do comércio é uma função apenas das quantidades de fator trabalho empregado na produção de cada item. Ou seja, há apenas o fator de produção trabalho.

Gabarito: Errado

5. (2014/CEBRASPE-CESPE/SUFRAMA/Economista)

	alimento	tecido
economia A	3	4
economia B	2	3

A tabela acima apresenta os coeficientes técnicos de horas de trabalho da mão de obra na produção de uma unidade de alimento e de uma unidade de tecido em duas economias, identificadas como A e B. A partir dessas informações, julgue o item a seguir.

A economia B apresenta vantagem relativa na produção de alimentos e tecidos, em comparação com a economia A.

Comentários:

Não é possível que uma economia apresente vantagens relativas em ambos os produtos. Simples assim.

Gabarito: Errado

6. (2014/FGV/CUIABÁ/Auditor Fiscal Tributário da Receita Municipal)

Ao longo da década de 2000, a indústria de calçados brasileira da região Sudeste perdeu espaço devido ao aumento da participação da China no mercado mundial. O fato de a mão de obra chinesa ser mais produtiva e de sua indústria ter um custo de oportunidade menor na produção de calçados alçou a China à condição de líder do mercado mundial de calçados.

Esse exemplo mostra que a China, no mercado de calçados, passou a ter

- a) vantagem absoluta, por ter menor custo de oportunidade.
- b) vantagem absoluta, por ter maior produtividade do trabalho e menor custo de oportunidade.
- c) vantagem absoluta, por ter menor custo de oportunidade, e vantagem comparativa, por ter maior produtividade do trabalho.
- d) vantagem absoluta, por ter maior produtividade do trabalho, e vantagem comparativa, por ter menor custo de oportunidade.



e) vantagem comparativa, por ter maior produtividade.

Comentários:

O conceito de vantagem absoluta diz respeito a um país possuir menor custo de produção de um determinado produto. Se o país A produz vinho a um custo de 100 e o país B produz a um custo de 50, B possui vantagem absoluta em relação a A.

Já a vantagem relativa leva em consideração o conceito de custo de oportunidade. Se o país A produz vinho a um custo de 100 e produz queijo a um custo de 50, o custo de produzir vinho em relação ao custo de produzir queijo é 2 ($100/50$), já o custo de produzir queijo em relação ao custo de produzir vinho é 0,5 ($50/100$).

Assim, seria mais interessante priorizar a produção de queijo em relação à produção de vinho, pois o custo de oportunidade, ou seja, o benefício ao qual se abre mão, é menor. Se o país produzir vinho, para cada unidade de vinho produzida, abrirá mão de 2 unidades de queijo. Se produzir queijo, para cada unidade produzida, abrirá mão de apenas 0,5 unidade de vinho.

Então a vantagem absoluta guarda relação com o menor custo e a vantagem comparativa guarda relação com menor custo de oportunidade.

O enunciado afirma que a mão de obra chinesa é mais produtiva e sua indústria tem um custo de oportunidade menor, portanto, possui vantagem absoluta, por ter maior produtividade do trabalho (produz a um custo menor), e vantagem comparativa, por ter menor custo de oportunidade.

Gabarito: "d"

7. (2013/CEBRASPE-CESPE/ TCE-RO/Auditor de Controle Externo - Economia)

Acerca da história econômica brasileira, julgue o item subsequente.

Segundo a escola clássica, a lei das vantagens comparativas gera uma deterioração dos termos de intercâmbio entre os países desenvolvidos e os países em desenvolvimento.

Comentários:

Segundo a teoria das vantagens comparativas, os países devem se especializar na produção do bem que apresenta maior produtividade relativa. Neste cenário, todos os países ganhariam com o comércio internacional.

Já a tendência à deterioração dos termos de intercâmbio entre os países desenvolvidos e os países em desenvolvimento foi elaborada por Raul Prebisch e a Cepal.

Gabarito: Errado



8. (2011/CEBRASPE-CESPE/CACD/Diplomata)

Julgue (C ou E) o item subsequente, relativo a conceitos da economia internacional.

Por elevar o custo de oportunidade do consumo, a especialização constitui uma das bases do comércio internacional, o que contradiz a lei das vantagens comparativas.

Comentários:

De acordo com a teoria das vantagens comparativas, os países se especializarão na produção do bem que for mais eficiente. A especialização no bem que o país apresenta maior eficiência leva a um menor custo de oportunidade, ou seja, o que se abre mão deixando de produzir o bem menos eficiente.

Retomando o exemplo dado nesta aula. Em uma eventual negociação entre Portugal e Inglaterra, envolvendo tecidos e vinhos, Portugal, anualmente utiliza 90 pessoas para produzir uma peça de tecido e 80 trabalhadores para produzir um barril de vinho, no mesmo período.

Já para a Inglaterra, no mesmo período de tempo, seriam necessárias 100 pessoas para a peça de tecido e 120 para o barril de vinho.

Fazendo uma relação entre a produtividade dos países, podemos traçar o custo de oportunidade das escolhas feitas.

Portugal

Tecido : Vinho, temos $90:80 = 1,13$

Vinho : Tecido, temos $80:90 = 0,88$

Inglaterra

Tecido : Vinho, temos $100:120 = 0,83$

Vinho : Tecido, temos $120:100 = 1,20$

Neste exemplo, se Portugal resolvesse produzir tecido e abrir mão da produção de vinho, a cada peça de tecido produzida, deixaria de produzir 1,13 unidade de vinho ($90:80 = 1,13$).

Caso optasse por produzir vinho e deixasse de produzir tecido, a cada unidade de vinho produzida, deixaria de produzir apenas 0,88 de uma unidade de tecido. Assim, o custo de oportunidade de Portugal produzir vinho é menor que o de se produzir tecido. Quanto menor o custo de oportunidade, maior a produtividade ou eficiência na produção de um item específico.

Dessa forma, para Portugal, seria mais interessante priorizar a produção de vinho em relação à produção têxtil, pois o custo de oportunidade, ou seja, o benefício ao qual se abre mão, é menor.

Então, por diminuir o custo de oportunidade do consumo, a especialização constitui uma das bases do comércio internacional.



Gabarito: Errado

9. (2011/CESGRANRIO/TRANSPETRO/Economista Júnior)

No modelo ricardiano típico de comércio internacional com dois países, (I) e (II), dois produtos, X e Y, e um único fator de produção, NÃO é possível que o país (I)

- a) não tenha vantagem absoluta na produção de X nem na de Y.
- b) tenha vantagem absoluta na produção X e o país (II) tenha vantagem absoluta na produção de Y.
- c) tenha vantagem comparativa e vantagem absoluta na produção de X.
- d) tenha vantagens comparativas na produção de X e na de Y.
- e) tenha vantagens absolutas tanto na produção de X quanto na de Y.

Comentários:

Como vimos, um país nunca apresentará vantagem comparativa em todas as mercadorias, sendo sempre para um país vantajoso se especializar na produção da mercadoria que possui vantagem comparativa.

Gabarito: "d"

10. (2010/CESGRANRIO/PETROBRÁS/Economia)

Considere as três proposições abaixo.

I - A economia de um país A pode ser tão mais eficiente que a de B, a ponto de ter vantagem comparativa em todos os setores econômicos.

II - A vantagem comparativa de um país, em algum setor, pode ser consequência de economias de escala.

III - A abertura comercial pode beneficiar um país como um todo, embora prejudique algum grupo de residentes.

É correto o que se afirma em

- a) I, apenas.
- b) II, apenas.
- c) I e II, apenas.
- d) II e III, apenas.
- e) I, II e III.

Comentários:

Vamos avaliar cada uma das alternativas:



I - Incorreta. Se um país for mais eficiente que o outro em todos os setores, este país terá vantagem absoluta em todos os setores. Na vantagem comparativa, devemos comparar o custo de produção de uma mercadoria em relação ao custo de produção de outras mercadorias de um mesmo país A, com o custo de produção da mesma mercadoria em relação ao custo de produção das outras mercadorias no país B. Dessa forma, um país nunca apresentará vantagem comparativa em todas as mercadorias, sendo sempre para um país vantajoso se especializar na produção da mercadoria que possui vantagem comparativa.

II - Correto. A vantagem comparativa de um país pode se dar por inúmeras causas como abundância de terras, condições climáticas, abundância de capitais, nível de educação da população ou a presença de economias de escala na produção do bem.

III - Correto. Como vimos a existência de vantagens comparativas e a consequente especialização da produção entre os países tende a ser benéfica para o país. Esses benefícios, entretanto, podem não ser desfrutados pela população como um todo. Se um país se especializa na produção de um determinado bem, em detrimento da produção de outro bem, a população empregada no setor que foi preterido pode ser prejudicada, como, por exemplo, ficar sem emprego. Os ganhos de emprego no setor em que o país se especializa devem mais que compensar as perdas no outro setor, mas pode levar um tempo até que todos se adaptem a nova situação.

Gabarito: "d"

11. (2007/CESGRANRIO/BNDES/Profissional Básico - Economia)

Suponha que os custos de produção (em termos de unidades de trabalho) de vinho e de tecido na Inglaterra e em Portugal sejam conforme a tabela abaixo.

	VINHO	TECIDO
Portugal	10	20
Inglaterra	50	50

Assim, por exemplo, para produzir uma unidade de vinho em Portugal são usadas 10 unidades de trabalho; e na Inglaterra, 50 unidades de trabalho. Pode-se, então, afirmar que

- a) a Inglaterra tem vantagem absoluta em ambas as indústrias.
- b) Portugal tem vantagem comparativa em vinho e em tecido.
- c) Portugal tem vantagem comparativa em vinho e a Inglaterra, em tecido.
- d) Portugal tem vantagem absoluta em vinho, mas não em tecido.
- e) Portugal tenderia a se especializar na produção de tecido e a Inglaterra, em vinho, caso se abrisse o comércio entre os dois países.

Comentários:

Primeiramente observamos que Portugal produz os dois produtos a menores custos de produção, portanto, apresenta vantagens absolutas em ambos. Podemos, assim, descartar as alternativas A e D.



Fazendo uma relação entre a produtividade dos países, podemos traçar o custo de oportunidade das escolhas feitas.

Portugal

Tecido : Vinho, temos $20:10 = 2$

Vinho : Tecido, temos $10:20 = 0,50$

Inglaterra

Tecido : Vinho, temos $50:50 = 1,00$

Vinho : Tecido, temos $50:50 = 1,00$

Assim, o custo de se produzir vinho em termos de tecido em Portugal é 0,5 e na Inglaterra é 1,00, logo, Portugal possui vantagem comparativa na produção de vinho.

Da mesma forma, o custo de se produzir tecido em termos de vinho em Portugal é 2,00 e na Inglaterra é 1,00, portanto, a Inglaterra possui vantagem comparativa na produção de tecido.

Gabarito: "c"

12. (2004/CEBRASPE-CESPE/CACD/Diplomata)

Na fase atual de globalização do espaço econômico, o estudo da economia internacional é crucial para a inserção adequada no cenário mundial. Considerando as noções básicas da teoria econômica internacional, julgue o item a seguir.

No modelo ricardiano das vantagens comparativas, o papel desempenhado pelas economias de escala na produção é fundamental para o entendimento das razões do comércio entre países.

Comentários:

De acordo com a teoria das vantagens comparativas, os países se especializarão na produção do bem que for mais eficiente, ou seja, produzirão o bem que possuir o menor custo relativo.

As economias de escala não fazem parte da abordagem ricardiana para explicar das razões do comércio entre países.

Gabarito: Errado

13. (2018/FCC/ALESE/Analista Legislativo - Economia)

Em economia internacional, a Teoria de Heckscher-Ohlin é também denominada teoria



- a) das vantagens comparativas.
- b) do segundo melhor.
- c) da produtividade dos fatores.
- d) da paridade do poder de compra.
- e) das proporções de fatores.

Comentários:

O modelo de Heckscher-Ohlin é conhecido, por seus fundamentos, como modelo de (ou das) proporções de fatores.

Gabarito: "e"

14. (2016/CEBRASPE-CESPE/CACD/Diplomata)

Em seu discurso de posse, o ministro das Relações Exteriores, José Serra, afirmou: "Nas políticas de comércio exterior, o governo terá sempre presente a advertência que vem da boa análise econômica". À luz dessa afirmação e das teorias de comércio internacional, julgue o item subsequente.

Segundo a teoria neoclássica do comércio internacional, também conhecida como Teorema de Heckscher-Ohlin, o comércio internacional resulta de dotações distintas dos fatores de produção entre os países, e a vantagem comparativa é determinada pela escassez relativa desses fatores.

Comentários:

A assertiva traz de uma forma bem clara o conceito do Teorema de Heckscher-Ohlin.

De acordo com o Teorema, o comércio internacional é produto das diferenças na distribuição dos fatores de produção entre os diferentes países, o que leva a tendência de especialização, conforme o predomínio de um determinado fator de produção.

Os países se especializam na produção de bens intensivos no fator de produção abundante em seu território. Assim, um país abundante no fator de produção terra, irá se especializar na produção e exportação de bens que sejam intensivos em terra. Um país abundante no fator de produção capital especializar-se-á na produção e exportação de bens intensivos em capital.

Gabarito: Certo

15. (2013/CESGRANRIO/BNDES/Profissional Básico - Economia)

Com base no modelo de comércio de Heckscher-Ohlin, em um equilíbrio com livre comércio,

- a) a taxa de juros é maior no país com menos capital.
- b) o salário é maior no país abundante em trabalho.



- c) os países se especializam no bem que possui vantagem tecnológica absoluta.
- d) os países importam o bem que possui dotação relativa abundante.
- e) os países exportam o bem intensivo no fator de produção relativamente abundante.

Comentários:

Retomando o exemplo dado na aula, em um cenário de intercâmbio entre Brasil e Alemanha, digamos que o Brasil se especializasse na produção de alimentos e a Alemanha se especializasse na produção de bens manufaturados.

O Teorema de Hecksher-Ohlin explica que o motivo pelo qual o Brasil vende produtos primários e compra produtos industrializados é a diferença existente entre a disponibilidade de fatores de fatores de produção existente entre esses dois países.

O Brasil possui terras abundantes e, por isso se especializou em produtos primários, que são intensivos no fator de produção terra. Por sua vez, a Alemanha possui abundância do fator capital, por isso se especializou em produtos industrializados, que são intensivos no fator capital. Dessa forma, o Teorema

Hecksher-Ohlin afirma que os países se especializam na produção de bens intensivos no fator de produção abundante em seu território. No caso do Brasil, a especialização é em alimentos, visto que esses são intensivos no fator terra e o Brasil possui abundância de terras. Já a Alemanha se especializa em manufaturados, pois esses são intensivos em capital e a Alemanha possui abundância de capitais.

Gabarito: "e"

16. (2013/CEBRASPE-CESPE/ANTAQ/Especialista)

A respeito dos modelos de comércio exterior e dos blocos econômicos, julgue o item subsecutivo.

Em um modelo de proporção de fatores, os proprietários dos fatores de produção escassos perdem com o comércio internacional.

Comentários:

A assertiva estava se referindo ao modelo de Hecksher-Ohlin- Samuelson, quando fala em modelo de proporção de fatores.

Segundo esse teorema, em uma relação entre duas nações, as diferenças na distribuição dos fatores de produção entre os diferentes países levariam a tendência de especialização na produção e exportação do produto, que emprega o fator de produção abundante. Se determinado produto for fabricado de modo que o fator abundante no país seja empregado de forma intensiva, haverá um aumento na demanda por esse fator, levando a um aumento na sua remuneração. Assim, em um país onde há abundância de mão de obra, o salário tende a ser baixo, pelo simples fato de que existe oferta elevada de trabalhadores. A partir do momento em



que passa a existir comércio, como esse país vai produzir itens, em cujo processo produtivo demanda-se intensivamente mão-de-obra, o preço da mão-de-obra se elevará. Dessa forma, o comércio entre os dois países tende a elevar o preço do fator abundante, trazendo uma convergência entre os custos dos dois fatores nos dois países.

Como os fatores abundantes serão utilizados na produção com a especialização, os fatores não abundantes, ou escassos, não serão utilizados, apresentando tendência à diminuição de preço, perdendo, dessa forma, com o comércio internacional.

Gabarito: Certo

17. (2009/CESGRANRIO/BNDES/Profissional Básico - Economia)

Os Estados Unidos são um país com relativa abundância do fator de produção capital. Assim, segundo o Modelo Heckscher-Ohlin de comércio internacional, o seu setor exportador deveria usar maior intensidade de capital, em relação ao fator trabalho, do que o setor da economia americana que compete com as importações do país. Empiricamente, entretanto, verificou-se o contrário. Este fato é chamado

- a) efeito preço cruzado.
- b) distorção das relações de troca.
- c) Paradoxo de Giffen.
- d) Paradoxo de Leontief.
- e) Reversão de Bhagwati.

Comentários:

Wassily Leontief realizou um dos maiores testes empíricos do modelo de Heckscher-Ohlin. Leontief testou, para os Estados Unidos, uma economia rica em capital, o comportamento das exportações e importações de bens.

Para surpresa geral, seus resultados indicaram que aquela economia exportava itens intensivos em trabalho e importava produtos intensivos em capital, contrariando todas as expectativas. Esta inesperada situação ficou conhecida como o Paradoxo de Leontief.

Gabarito: "d"

18. (2006/FCC/TRT 4/Analista Judiciário - Apoio Especializado/Economia)

O modelo de Heckscher-Ohlin é um modelo que procura explicar a razão da existência do comércio internacional, ou seja, o porquê de as nações trocarem mercadorias entre si. Segundo esse modelo, a causa mais importante é a diferença que existe entre os diversos países no tocante

- a) ao nível geral de preços.



- b) à dotação de fatores de produção.
- c) ao clima e recursos naturais.
- d) às condições de demanda.
- e) à tecnologia.

Comentários:

Questão bastante simples e praticamente igual à anterior. Basta conhecer os conceitos do modelo de Heckscher - Ohlin.

Segundo o Teorema de Heckscher-Ohlin, o comércio internacional seria produto das diferenças na distribuição dos fatores de produção entre os diferentes países, que levariam a tendência de especialização conforme o predomínio de um determinado fator de produção.

Gabarito: "b"

19. (2017/FCC/ARTESP/Especialista em Regulação de Transporte - Economia)

Considere as duas afirmações sobre os estudos de Heckscher-Ohlin no tocante ao comércio exterior, ligadas pelo conectivo explicativo

"porque".

A teoria de Heckscher-Ohlin é conhecida como "teoria da dotação de fatores"

PORQUE

Destaca a diferença em termos de abundância relativa de fatores, existente entre nações, como representando a causa determinante para a vantagem comparativa e para o comércio internacional.

- a) As duas afirmações são verdadeiras e a segunda justifica a primeira.
- b) As duas afirmações são verdadeiras, mas não há vínculo explicativo entre elas.
- c) A primeira afirmação é verdadeira e a segunda é falsa.
- d) A primeira afirmação é falsa e a segunda é verdadeira.
- e) As duas afirmações são falsas.

Comentários:

De fato, a teoria de Heckscher-Ohlin é conhecida como "teoria da dotação de fatores" porque destaca a diferença em termos de abundância relativa de fatores, existente entre nações, como representando a causa determinante para a vantagem comparativa e para o comércio internacional.

É um enunciado bastante didático.

Gabarito: "a"



20. (2002/VUNESP/BNDES/Profissional Básico - Economia)

No modelo de Heckscher - Ohlin, a causa mais importante para explicar por que as nações trocam mercadorias entre si (comércio internacional) é a diferença

- a) na tecnologia.
- b) na dotação de fatores.
- c) nas preferências dos consumidores.
- d) nas condições de demanda.
- e) no nível de preços.

Comentários:

Segundo o Teorema de Heckscher-Ohlin, o comércio internacional seria produto das diferenças na distribuição dos fatores de produção entre os diferentes países, que levariam a tendência de especialização conforme o predomínio de um determinado fator.

Gabarito: "b"

21. (2016/CEBRASPE-CESPE/CACD/Diplomata)

Em seu discurso de posse, o ministro das Relações Exteriores, José Serra, afirmou: "Nas políticas de comércio exterior, o governo terá sempre presente a advertência que vem da boa análise econômica". À luz dessa afirmação e das teorias de comércio internacional, julgue o item subsecutivo.

Segundo uma vertente da teoria neoclássica de comércio internacional, conhecida como Teorema Heckscher-Ohlin-Samuelson, a eliminação das barreiras ao comércio entre dois países resulta na convergência dos preços de seus fatores de produção.

Comentários:

Segundo o Teorema Heckscher-Ohlin-Samuelson, em uma relação entre duas nações, as diferenças na distribuição dos fatores de produção entre os diferentes países levariam à tendência de especialização na produção e exportação do produto que emprega o fator de produção abundante. Se esse produto será fabricado de modo que o fator abundante no país será empregado de forma intensiva, haverá um aumento na demanda por esse fator, levando a um aumento em sua remuneração.

Assim, no país onde há abundância de mão de obra, o salário tende a ser baixo, pelo simples fato de que existe oferta elevada de trabalhadores. A partir do momento em que passa a existir comércio, como esse país vai produzir itens em cujo processo produtivo demanda-se intensivamente mão de obra, o preço da mão-de-obra se elevará. Dessa forma, o comércio entre os dois países tende a elevar o preço do fator abundante, convergindo os custos dos dois fatores nos dois países.



Essa formulação é o teorema Hecksher-Ohlin-Samuelson, conhecido como "teorema da equalização dos preços dos fatores", observada a possibilidade de convergirem os custos dos fatores nos países envolvidos.

Gabarito: Certo

22. (2016/CEBRASPE-CESPE/CACD/Diplomata)

Em seu discurso de posse, o ministro das Relações Exteriores, José Serra, afirmou: "Nas políticas de comércio exterior, o governo terá sempre presente a advertência que vem da boa análise econômica". À luz dessa afirmação e das teorias de comércio internacional, julgue o item subsecutivo.

Uma das críticas da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL) à teoria clássica é que a sua análise do comércio internacional é estática, não dinâmica, de modo que as elevadas elasticidades-renda e preço dos produtos básicos tendem a produzir deterioração nos termos de intercâmbio ao longo do tempo, o que é desfavorável aos países exportadores de bens primários.

Comentários:

Uma das críticas da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL) à teoria clássica é que a sua análise do comércio internacional é estática. Isto é verdadeiro.

Há também uma tendência à deterioração nos termos de intercâmbio ao longo do tempo, segundo visão cepalina, entretanto, as BAIXAS elasticidades-renda e preço dos produtos básicos é que explicam a deterioração nos termos de troca.

Como a elasticidade-renda dos produtos primários é baixa, a subida da renda mundial causa pouco efeito na demanda por bens primários, fazendo com que o preço dos bens primários se mantenha mais ou menos constante, enquanto o preço dos bens industrializados cresce progressivamente.

Gabarito: Errado

23. (2017/CEBRASPE-CESPE/CACD/Diplomata)

Considerando os determinantes do crescimento econômico e a experiência recente do Brasil, julgue o item a seguir.

A redução da participação do setor industrial na economia brasileira nos últimos anos pode estar relacionada com a situação conhecida como doença holandesa, em que a abundância de recursos naturais ou o bom desempenho de commodities leva a uma valorização cambial, prejudicando a competitividade industrial.

Comentários:



A doença holandesa está corretamente definida e o exemplo brasileiro é coerente. A questão está correta.

Gabarito: Certo

24. (2014/CESGRANRIO/EPE/Analista de Pesquisa Energética - Economia de Energia)

Na última década, a economia brasileira foi beneficiada pelo aumento e concentração das exportações de bens intensivos em recursos naturais e pela melhora dos termos de troca. Para alguns autores, tais eventos contribuíram para a sobrevalorização da moeda brasileira em termos reais.

Esse fenômeno é conhecido na literatura econômica como

- a) crescimento induzido pelas exportações (export-led growth)
- b) crescimento empobrecedor
- c) doença holandesa (Dutch disease)
- d) substituição de importações
- e) crescimento endógeno

Comentários:

A concentração da produção de bens relativos a recursos naturais, em detrimento de bens manufaturados ou industrializados pode acarretar a doença holandesa, quando, apesar da melhora nos termos de troca, o país tem pouco incentivo para desenvolver sua produção de bens mais intensivos em capital (industrializados).

Gabarito: "c"

25. (2012/CESGRANRIO/EPE/Analista de Pesquisa Energética - Petróleo)

A literatura identifica que países com abundância de recursos naturais tendem a apresentar ritmo menor de crescimento econômico do que a média, fenômeno que é denominado "maldição dos recursos naturais". Uma explicação de natureza macroeconômica para esse fenômeno é a chamada "doença holandesa".

A ordem causal dos fatores que provocam esse fenômeno é a seguinte:

- a) valorização cambial → perda de competitividade de demais segmentos econômicos → desindustrialização → expressivo deficit comercial
- b) desvalorização cambial → perda de competitividade de demais segmentos econômicos → desindustrialização → expressivo deficit comercial
- c) expressivo superavit comercial → valorização cambial → perda de competitividade de demais segmentos econômicos → desindustrialização
- d) expressivo deficit comercial → desvalorização cambial → perda de competitividade de demais segmentos econômicos → desindustrialização



e) exportações excessivas de recursos naturais → concentração da atividade econômica → esgotamento dos recursos naturais → retração econômica

Comentários:

A **doença holandesa** (dutch disease) refere-se à relação entre a exportação de recursos naturais e o declínio do setor de manufaturados.

A abundância de recursos naturais gera vantagens comparativas para o país que os possui, levando-o a se especializar na produção desses bens.

A industrialização, por outro lado, não ocorre. Ou ainda pior: o país pode vir a se desindustrializar - o que, a longo prazo, inibe o processo de desenvolvimento econômico.

Há, ainda, uma causa mais imediata: os expressivos superávits comerciais gerados pela exportação de recursos naturais provocam valorização cambial, com isso, os demais segmentos econômicos perdem competitividade, inclusive o setor industrial.

Gabarito: "c"

26. (2000/CEBRASPE-CESPE/POLÍCIA FEDERAL/Agente)

A mensuração da produção externos e o processo de desenvolvimento econômico podem ser mais bem compreendidos com a ajuda da moderna teoria econômica. Utilizando os conceitos essenciais dessa teoria, julgue o item abaixo.

Um excesso de demanda por um determinado bem, ao preço internacional, indica que o país possui vantagens comparativas na produção dessa mercadoria.

Comentários:

À primeira vista esta assertiva poderia levar os descuidados a marcar como correta.

Se um país possui vantagem comparativa na produção de um bem, sua produção apresenta maior produtividade relativa e o país tende a especializar-se na sua produção e o bem contará com a demanda internacional.

A assertiva, entretanto, afirma de maneira genérica que o excesso de demanda por um determinado bem, ao preço internacional, indica que o país possui vantagens comparativas. Isto não é verdadeiro, visto que a demanda por um produto pode estar aquecida por inúmeros motivos.

Gabarito: Errado



LISTA DE QUESTÕES

1. (2018/CEBRASPE-CESPE/ABIN/Oficial de Inteligência)

Um ano depois de prometer a volta do crescimento da indústria automotiva americana, o presidente norte-americano Donald Trump encontra dificuldades em salvar empregos em seu território. Enquanto as principais montadoras do país reduzem seus quadros nos Estados Unidos da América (EUA), as importações de veículos produzidos na China, no México e na Índia aumentam. As exportações do México, com baixo custo de mão de obra, tiveram, para os EUA, alta de 9,4% em 2017, segundo dados oficiais.

AFP, 15/1/2018 (com adaptações).

Com referência ao texto apresentado, julgue o seguinte item com base nas teorias de comércio internacional.

De acordo com a teoria ricardiana das vantagens comparativas, se os EUA são mais produtivos que o México na produção de veículos e softwares, o comércio internacional de automóveis entre os países não será vantajoso para a economia norte-americana, mais produtiva em softwares, caso a vantagem mexicana na produção de veículos decorra dos baixos salários pagos aos seus trabalhadores.

2. (2018/CEBRASPE-CESPE/ABIN/Oficial de Inteligência)

Com relação às características do comércio internacional na presença de economias de escala e concorrência monopolista, julgue o item subsequente.

As economias de escala externas podem levar à manutenção de padrões de especialização do comércio internacional inconsistentes com aqueles que seriam derivados das vantagens comparativas, principalmente no caso de países com grandes indústrias já consolidadas.

3. (2016/CEBRASPE-CESPE/DPU/Economista)

Com relação às teorias relacionadas ao desenvolvimento econômico, julgue o próximo item, considerando o papel do governo na economia.

De acordo com a teoria estática da vantagem comparativa, os países deveriam se especializar na produção de bens com menor custo unitário de produção.

4. (2016/CEBRASPE-CESPE/CACD/Diplomata)

Em seu discurso de posse, o ministro das Relações Exteriores, José Serra, afirmou: "Nas políticas de comércio exterior, o governo terá sempre presente a advertência que vem da boa análise econômica". À luz dessa afirmação e das teorias de comércio internacional, julgue o item subsequente.



David Ricardo aperfeiçoou as ideias de Adam Smith e desenvolveu a chamada Teoria das Vantagens Comparativas. No livro Sobre os Princípios da Economia Política e da Tributação, Ricardo defende que o comércio internacional é benéfico a todos os países que mantêm vínculos comerciais entre si, pois o importante, segundo ele, são as vantagens comparativas, não as absolutas, de todos os fatores de produção de uma economia.

5. (2014/CEBRASPE-CESPE/SUFRAMA/Economista)

	alimento	tecido
economia A	3	4
economia B	2	3

A tabela acima apresenta os coeficientes técnicos de horas de trabalho da mão de obra na produção de uma unidade de alimento e de uma unidade de tecido em duas economias, identificadas como A e B. A partir dessas informações, julgue o item a seguir.

A economia B apresenta vantagem relativa na produção de alimentos e tecidos, em comparação com a economia A.

6. (2014/FGV/CUIABÁ/Auditor Fiscal Tributário da Receita Municipal)

Ao longo da década de 2000, a indústria de calçados brasileira da região Sudeste perdeu espaço devido ao aumento da participação da China no mercado mundial. O fato de a mão de obra chinesa ser mais produtiva e de sua indústria ter um custo de oportunidade menor na produção de calçados alçou a China à condição de líder do mercado mundial de calçados.

Esse exemplo mostra que a China, no mercado de calçados, passou a ter

- a) vantagem absoluta, por ter menor custo de oportunidade.
- b) vantagem absoluta, por ter maior produtividade do trabalho e menor custo de oportunidade.
- c) vantagem absoluta, por ter menor custo de oportunidade, e vantagem comparativa, por ter maior produtividade do trabalho.
- d) vantagem absoluta, por ter maior produtividade do trabalho, e vantagem comparativa, por ter menor custo de oportunidade.
- e) vantagem comparativa, por ter maior produtividade.

7. (2013/CEBRASPE-CESPE/ TCE-RO/Auditor de Controle Externo - Economia)

Acerca da história econômica brasileira, julgue o item subsequente.

Segundo a escola clássica, a lei das vantagens comparativas gera uma deterioração dos termos de intercâmbio entre os países desenvolvidos e os países em desenvolvimento.



8. (2011/CEBRASPE-CESPE/CACD/Diplomata)

Julgue (C ou E) o item subsequente, relativo a conceitos da economia internacional.

Por elevar o custo de oportunidade do consumo, a especialização constitui uma das bases do comércio internacional, o que contradiz a lei das vantagens comparativas.

9. (2011/CESGRANRIO/TRANSPETRO/Economista Júnior)

No modelo ricardiano típico de comércio internacional com dois países, (I) e (II), dois produtos, X e Y, e um único fator de produção, NÃO é possível que o país (I)

- a) não tenha vantagem absoluta na produção de X nem na de Y.
- b) tenha vantagem absoluta na produção X e o país (II) tenha vantagem absoluta na produção de Y.
- c) tenha vantagem comparativa e vantagem absoluta na produção de X.
- d) tenha vantagens comparativas na produção de X e na de Y.
- e) tenha vantagens absolutas tanto na produção de X quanto na de Y.

10. (2010/CESGRANRIO/PETROBRÁS/Economia)

Considere as três proposições abaixo.

I - A economia de um país A pode ser tão mais eficiente que a de B, a ponto de ter vantagem comparativa em todos os setores econômicos.

II - A vantagem comparativa de um país, em algum setor, pode ser consequência de economias de escala.

III - A abertura comercial pode beneficiar um país como um todo, embora prejudique algum grupo de residentes.

É correto o que se afirma em

- a) I, apenas.
- b) II, apenas.
- c) I e II, apenas.
- d) II e III, apenas.
- e) I, II e III.



11. (2007/CESGRANRIO/BNDES/Profissional Básico - Economia)

Suponha que os custos de produção (em termos de unidades de trabalho) de vinho e de tecido na Inglaterra e em Portugal sejam conforme a tabela abaixo.

	VINHO	TECIDO
Portugal	10	20
Inglaterra	50	50

Assim, por exemplo, para produzir uma unidade de vinho em Portugal são usadas 10 unidades de trabalho; e na Inglaterra, 50 unidades de trabalho. Pode-se, então, afirmar que

- a) a Inglaterra tem vantagem absoluta em ambas as indústrias.
- b) Portugal tem vantagem comparativa em vinho e em tecido.
- c) Portugal tem vantagem comparativa em vinho e a Inglaterra, em tecido.
- d) Portugal tem vantagem absoluta em vinho, mas não em tecido.
- e) Portugal tenderia a se especializar na produção de tecido e a Inglaterra, em vinho, caso se abrisse o comércio entre os dois países.

12. (2004/CEBRASPE-CESPE/CACD/Diplomata)

Na fase atual de globalização do espaço econômico, o estudo da economia internacional é crucial para a inserção adequada no cenário mundial. Considerando as noções básicas da teoria econômica internacional, julgue o item a seguir.

No modelo ricardiano das vantagens comparativas, o papel desempenhado pelas economias de escala na produção é fundamental para o entendimento das razões do comércio entre países.

13. (2018/FCC/ALESE/Analista Legislativo - Economia)

Em economia internacional, a Teoria de Heckscher-Ohlin é também denominada teoria

- a) das vantagens comparativas.
- b) do segundo melhor.
- c) da produtividade dos fatores.
- d) da paridade do poder de compra.
- e) das proporções de fatores.



14. (2016/CEBRASPE-CESPE/CACD/Diplomata)

Em seu discurso de posse, o ministro das Relações Exteriores, José Serra, afirmou: "Nas políticas de comércio exterior, o governo terá sempre presente a advertência que vem da boa análise econômica". À luz dessa afirmação e das teorias de comércio internacional, julgue o item subsecutivo.

Segundo a teoria neoclássica do comércio internacional, também conhecida como Teorema de Heckscher-Ohlin, o comércio internacional resulta de dotações distintas dos fatores de produção entre os países, e a vantagem comparativa é determinada pela escassez relativa desses fatores.

15. (2013/CESGRANRIO/BNDES/Profissional Básico - Economia)

Com base no modelo de comércio de Heckscher-Ohlin, em um equilíbrio com livre comércio,

- a) a taxa de juros é maior no país com menos capital.
- b) o salário é maior no país abundante em trabalho.
- c) os países se especializam no bem que possui vantagem tecnológica absoluta.
- d) os países importam o bem que possui dotação relativa abundante.
- e) os países exportam o bem intensivo no fator de produção relativamente abundante.

16. (2013/CEBRASPE-CESPE/ANTAQ/Especialista)

A respeito dos modelos de comércio exterior e dos blocos econômicos, julgue o item subsecutivo.

Em um modelo de proporção de fatores, os proprietários dos fatores de produção escassos perdem com o comércio internacional.

17. (2009/CESGRANRIO/BNDES/Profissional Básico - Economia)

Os Estados Unidos são um país com relativa abundância do fator de produção capital. Assim, segundo o Modelo Heckscher-Ohlin de comércio internacional, o seu setor exportador deveria usar maior intensidade de capital, em relação ao fator trabalho, do que o setor da economia americana que compete com as importações do país. Empiricamente, entretanto, verificou-se o contrário. Este fato é chamado

- a) efeito preço cruzado.
- b) distorção das relações de troca.
- c) Paradoxo de Giffen.
- d) Paradoxo de Leontief.
- e) Reversão de Bhagwati.



18. (2006/FCC/TRT 4/Analista Judiciário - Apoio Especializado/Economia)

O modelo de Heckscher - Ohlin é um modelo que procura explicar a razão da existência do comércio internacional, ou seja, o porquê de as nações trocarem mercadorias entre si. Segundo esse modelo, a causa mais importante é a diferença que existe entre os diversos países no tocante

- a) ao nível geral de preços.
- b) à dotação de fatores de produção.
- c) ao clima e recursos naturais.
- d) às condições de demanda.
- e) à tecnologia.

19. (2017/FCC/ARTESP/Especialista em Regulação de Transporte - Economia)

Considere as duas afirmações sobre os estudos de Heckscher-Ohlin no tocante ao comércio exterior, ligadas pelo conectivo explicativo "porque".

A teoria de Heckscher-Ohlin é conhecida como "teoria da dotação de fatores"

PORQUE

Destaca a diferença em termos de abundância relativa de fatores, existente entre nações, como representando a causa determinante para a vantagem comparativa e para o comércio internacional.

- a) As duas afirmações são verdadeiras e a segunda justifica a primeira.
- b) As duas afirmações são verdadeiras, mas não há vínculo explicativo entre elas.
- c) A primeira afirmação é verdadeira e a segunda é falsa.
- d) A primeira afirmação é falsa e a segunda é verdadeira.
- e) As duas afirmações são falsas.

20. (2002/VUNESP/BNDES/Profissional Básico - Economia)

No modelo de Heckscher - Ohlin, a causa mais importante para explicar por que as nações trocam mercadorias entre si (comércio internacional) é a diferença

- a) na tecnologia.
- b) na dotação de fatores.
- c) nas preferências dos consumidores.
- d) nas condições de demanda.
- e) no nível de preços.



21. (2016/CEBRASPE-CESPE/CACD/Diplomata)

Em seu discurso de posse, o ministro das Relações Exteriores, José Serra, afirmou: "Nas políticas de comércio exterior, o governo terá sempre presente a advertência que vem da boa análise econômica". À luz dessa afirmação e das teorias de comércio internacional, julgue o item subsecutivo.

Segundo uma vertente da teoria neoclássica de comércio internacional, conhecida como Teorema Heckscher-Ohlin-Samuelson, a eliminação das barreiras ao comércio entre dois países resulta na convergência dos preços de seus fatores de produção.

22. (2016/CEBRASPE-CESPE/CACD/Diplomata)

Em seu discurso de posse, o ministro das Relações Exteriores, José Serra, afirmou: "Nas políticas de comércio exterior, o governo terá sempre presente a advertência que vem da boa análise econômica". À luz dessa afirmação e das teorias de comércio internacional, julgue o item subsecutivo.

Uma das críticas da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL) à teoria clássica é que a sua análise do comércio internacional é estática, não dinâmica, de modo que as elevadas elasticidades-renda e preço dos produtos básicos tendem a produzir deterioração nos termos de intercâmbio ao longo do tempo, o que é desfavorável aos países exportadores de bens primários.

23. (2017/CEBRASPE-CESPE/CACD/Diplomata)

Considerando os determinantes do crescimento econômico e a experiência recente do Brasil, julgue o item a seguir.

A redução da participação do setor industrial na economia brasileira nos últimos anos pode estar relacionada com a situação conhecida como doença holandesa, em que a abundância de recursos naturais ou o bom desempenho de commodities leva a uma valorização cambial, prejudicando a competitividade industrial.

24. (2014/CESGRANRIO/EPE/Analista de Pesquisa Energética - Economia de Energia)

Na última década, a economia brasileira foi beneficiada pelo aumento e concentração das exportações de bens intensivos em recursos naturais e pela melhora dos termos de troca. Para alguns autores, tais eventos contribuíram para a sobrevalorização da moeda brasileira em termos reais.

Esse fenômeno é conhecido na literatura econômica como

- a) crescimento induzido pelas exportações (export-led growth)
- b) crescimento empobrecedor
- c) doença holandesa (Dutch disease)
- d) substituição de importações



e) crescimento endógeno

25. (2012/CESGRANRIO/EPE/Analista de Pesquisa Energética - Petróleo)

A literatura identifica que países com abundância de recursos naturais tendem a apresentar ritmo menor de crescimento econômico do que a média, fenômeno que é denominado "maldição dos recursos naturais". Uma explicação de natureza macroeconômica para esse fenômeno é a chamada "doença holandesa".

A ordem causal dos fatores que provocam esse fenômeno é a seguinte:

- a) valorização cambial → perda de competitividade de demais segmentos econômicos → desindustrialização → expressivo deficit comercial
- b) desvalorização cambial → perda de competitividade de demais segmentos econômicos → desindustrialização → expressivo deficit comercial
- c) expressivo superavit comercial → valorização cambial → perda de competitividade de demais segmentos econômicos → desindustrialização
- d) expressivo deficit comercial → desvalorização cambial → perda de competitividade de demais segmentos econômicos → desindustrialização
- e) exportações excessivas de recursos naturais → concentração da atividade econômica → esgotamento dos recursos naturais → retração econômica

26. (2000/CEBRASPE-CESPE/POLÍCIA FEDERAL/Agente)

A mensuração da produção externos e o processo de desenvolvimento econômico podem ser mais bem compreendidos com a ajuda da moderna teoria econômica. Utilizando os conceitos essenciais dessa teoria, julgue o item abaixo.

Um excesso de demanda por um determinado bem, ao preço internacional, indica que o país possui vantagens comparativas na produção dessa mercadoria.

GABARITO

1. E	8. E	15.E	22.E
2. C	9. D	16.C	23.C
3. E	10.D	17.D	24.C
4. E	11.C	18.B	25.C
5. E	12.E	19.A	26.E
6. D	13.E	20.B	
7. E	14.C	21.C	



ESSA LEI TODO MUNDO CONHECE: PIRATARIA É CRIME.

Mas é sempre bom revisar o porquê e como você pode ser prejudicado com essa prática.



1 Professor investe seu tempo para elaborar os cursos e o site os coloca à venda.



2 Pirata divulga ilicitamente (grupos de rateio), utilizando-se do anonimato, nomes falsos ou laranjas (geralmente o pirata se anuncia como formador de "grupos solidários" de rateio que não visam lucro).



3 Pirata cria alunos fake praticando falsidade ideológica, comprando cursos do site em nome de pessoas aleatórias (usando nome, CPF, endereço e telefone de terceiros sem autorização).



4 Pirata compra, muitas vezes, clonando cartões de crédito (por vezes o sistema anti-fraude não consegue identificar o golpe a tempo).



5 Pirata fere os Termos de Uso, adultera as aulas e retira a identificação dos arquivos PDF (justamente porque a atividade é ilegal e ele não quer que seus fakes sejam identificados).



6 Pirata revende as aulas protegidas por direitos autorais, praticando concorrência desleal e em flagrante desrespeito à Lei de Direitos Autorais (Lei 9.610/98).



7 Concurseiro(a) desinformado participa de rateio, achando que nada disso está acontecendo e esperando se tornar servidor público para exigir o cumprimento das leis.



8 O professor que elaborou o curso não ganha nada, o site não recebe nada, e a pessoa que praticou todos os ilícitos anteriores (pirata) fica com o lucro.



Deixando de lado esse mar de sujeira, aproveitamos para agradecer a todos que adquirem os cursos honestamente e permitem que o site continue existindo.